

**ÁGATA DE CARVALHO FERREIRA**

**ADOLESCENTES-MÃES  
EM (DIS) CURSO NOS  
DOCUMENTÁRIOS ONLINE**

Três Lagoas – MS 2022

**ÁGATA DE CARVALHO FERREIRA**

**ADOLESCENTES-MÃES  
EM (DIS) CURSO NOS  
DOCUMENTÁRIOS ONLINE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, Mestrado e Doutorado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS/CPTL, do Câmpus de Três Lagoas, (Área de concentração: Estudos Linguísticos) como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. **Claudete Cameschi de Souza.**

TRÊS LAGOAS – MS  
JUNHO/ 2022

# Ágata de Carvalho Ferreira

## BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Claudete Cameschi de Souza  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento (Membro Interno)  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvane Aparecida Freitas (Membro Externo)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Suplente: Prof. Dr. Fabrício Tetsuya Parreira Ono  
Universidade Federal de Mato grosso do Sul (UFMS)

## AGRADECIMENTOS

Iba Olodumare  
Iba Ori  
Iba Ifá  
Iba Eṣu  
Iba Egun  
Iba Yami  
Iba Logun Edé  
Iba Ogun  
Iba Ossoosi  
Iba Osun  
Iba Yemoja  
Iba Songo  
Iba Ile Asè Ògún Olá ÒdèmiLeké  
Iba Babaolorisá Ògún Sola  
Iba Baba Kekerê Osa Tumbi

Às adolescentes-mães nos documentários que constituem o corpus dessa pesquisa.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que me acolheu na graduação e no mestrado. Agradeço, também, ao PIBID (Programa Institucional de Iniciação a Docência).

À Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – FUNDECT, agência de fomento que permitiu que essa pesquisa acontecesse.

À minha orientadora, professora doutora Claudete Cameschi de Souza que me acompanha no mestrado e participou dos principais momentos da minha formação acadêmica como professora na graduação e orientadora do PIBID.

Aos professores doutores Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento e Fabrício Tetsuya Parreira Ono, pelas importantes sugestões quando do Exame de Qualificação.

À coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kelcilene Grácia Rodrigues que me acompanhou como orientadora pela FUNDECT.

Aos professores doutores Solange de Carvalho Fortilli, Renato Rodrigues Pereira, Michel Gustavo Fontes, Vania Lescano Guerra, Claudete Cameschi de Souza, Fabrício Tetsuya Parreira Ono e Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, que, por meio das disciplinas, contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

À professora mestre Danielle Gonzaga Brito e ao professor doutor José Roberto Gomes organizadores e integrantes do grupo de estudos “ARANDU” da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Aos meus parceiros de orientação no Programa de Pós-Graduação Anderson José, Danielle Brito, Flávio Zancheta, Michelle Mussato, Elizabeth Favero, Priscila Mendonça e Juliana Alfaia.

Aos meus pais, Maria Abadia Nogueira Carvalho Ferreira e José Ferreira Filho (em memória), por terem me criado e incentivado meus caminhos nos estudos e na vida.

Aos meus avós maternos Rimoalina Nogueira Carvalho Ferreira e Lupércio Domingos Carvalho (em memória), que, junto a minha mãe, me deram apoio emocional.

Aos meus irmãos Amanda Maria Carvalho Trajano Ferreira e Arnon Afonso Carvalho Ferreira que dividem suas caminhadas e percalços desde meu nascimento.

À minha cunhada Camila e sua família, que, junto a meu irmão, abriram as portas de sua casa e me acolheram quando decidi me mudar para Três Lagoas – MS.

Aos meus sobrinhos José Matheus, José Miguel e Flor, que me proporcionam a maior alegria de vê-los crescer.

Ao meu marido Marcelo Alves Cardoso que ficou ao meu lado, me dando apoio e suporte para concluir essa dissertação.

Ao meu Babalorixá Abraão Candido e seu esposo e Babá Kekeê Edivaldo Araújo e a toda minha família espiritual que compõem o terreiro “Pai Francisco de Aruanda Ile Asè Ògún Olá ÒdèníLeké” em Três Lagoas -MS, que me deram apoio espiritual necessário para trilhar meus caminhos e meus sonhos, como também meus processos de melhoria como ser em evolução.

À minha primeira segunda casa, Vivenda Amarela, em especial ao meu padrinho de orixá, tutor, amigo, parceiro, pai/ mãe, educador (francês) Valdecil Luís Fontoura dos Santos, e às minhas queridas irmãs “entre tapas e beijos” Deise Cristina Araújo e Geovana Carolli.

À Aline Rodrigues da Silva e seu filho Felipe José, que são imprescindíveis em minha caminhada.

À psicóloga Cleusa Mantovanni, por seu acompanhamento clínico e afetivo desde minha chegada ao seu escritório.

Aos meus amigos Maysa Buzzolo, Ingridy Perico, Camila India, Eliandra India, Amanda Frazzato, Luciana Rueda, Natália Tano, Leonardo Martins, e outros que me esqueci por algum descuido da memória.

E ao Flávio Zancheta Faccioni que me ajudou muito em meu percurso da graduação até o fim do mestrado.

O tema dessa dissertação volta o olhar para o sujeito adolescente-mãe constituído em documentários *online* “Eu, Adolescente Mãe” (SÁ, 2008) e “Saúde no Rolê: Gravidez na Adolescência” (PLAN INTERNACIONAL, 2019). Este olhar refere-se às problematizações identitárias que levam o sujeito adolescente-mãe a performar (BUTLER, 2017). O problema de pesquisa se constitui nos questionamentos a partir das condições de produção, bem como suas relações de saber, poder e resistência que envolvem o sujeito adolescente-mãe na sociedade em que se insere. Logo, a hipótese se constitui na compreensão de que existe um apagamento nos papéis sociais destinados à menina adolescente-mãe e uma adultização precoce a ela direcionada. Como objetivo geral, elegeu-se problematizar as performances históricas e culturais destinadas ao sujeito adolescente-mãe. O *cópus* se constitui em seis recortes das falas dos sujeitos adolescentes-mães contidos nos documentários, e, a partir deles, como primeiro objetivo específico, interpretar e rastrear as marcas de subjetividade e instabilidades do sujeito adolescente-mãe, em relação aos dispositivos da maternidade, trabalho e casamento. Como segundo objetivo específico, propõe-se rastrear as formações discursivas, os inter/intradiscursos, memória discursiva e arquivo; e, como terceiro objetivo, discutir as relações de identidade, identificação e relações de saber, poder e resistência que envolvem o sujeito adolescente-mãe e a figura paterna. O aporte teórico se constitui na tríade conflituosa e transdisciplinar entre a Linguística, a História e a Psicanálise, pela perspectiva discursivo-desconstrutiva de Derrida (1995), com gestos interpretativos de Coracini (2007). E assim, escavar as possíveis gêneses das descontinuidades e rupturas, por meio da arqueogenealogia de Foucault (1979). Do mesmo autor, utilizamos as noções de discurso, enunciado, formação discursiva, arqueologia e genealogia (FOUCAULT, 1987, 2002, 2015). Como noções de condições de produção elegeu-se Orlandi (2004). Para as questões relativas ao inconsciente Lacan (2009). Para interdiscurso, o suporte deu-se com Authier-Revuz (1998). Apoiamo-nos em Coracini (2007) e Lacan (1998) no trabalho com as noções de sujeito. As noções de identidade encontram suporte em Coracini (2015), Butler (2017) e Bauman (2005). Para efeitos de sentidos valemo-nos no pensamento de Orlandi (1988, 1996, 1999, 2007). A noção de identificação fundamenta-se em Lacan (2003); e, performance com Butler (2017). Como resultado, o sujeito adolescente-mãe se constitui na fragmentação do ser não-um: ser adolescente, ser mãe, mulher, ser periférica e resistente aos embates de poder e saber que o outro a inscreve.

**Palavras-chave: Análise do Discurso, Adolescência, Maternidade, Instabilidades.**

The theme of this dissertation focuses on the adolescent-mother subject constituted in online documentaries “Eu, Adolescente Mãe” (SÁ, 2008) and “Saúde no Rolê: Gravidez na Adolescence” (PLAN INTERNATIONAL, 2019). This look refers to the identity problematizations that lead the adolescent-mother subject to perform (BUTLER, 2017). The research problem is constituted in the questioning from the conditions of production, as well as its relations of knowledge, power and resistance that involve the adolescent-mother subject in the society in which he is inserted. Therefore, the hypothesis is constituted in the understanding that there is an erasure in the social roles destined to the adolescent-mother girl and an early adultization directed to her. As a general objective, it was chosen to problematize the historical and cultural performances destined to the adolescent-mother subject. The corpus consists of six excerpts from the speeches of the adolescent-mother subjects contained in the documentaries, and from them, as a first specific objective, to interpret and track the marks of subjectivity and instabilities of the adolescent-mother subject, in relation to the devices of motherhood, work and marriage. As a second specific objective, this propose to trace the discursive formations, the inter/intradiscourses, discursive memory and archive; and, as a third objective, to discuss the relations of identity, identification and relations of knowledge, power and resistance that involve the adolescent-mother subject and the father figure. The theoretical contribution is constituted in the conflicting and transdisciplinary triad between Linguistics, History and Psychoanalysis, through the discursive-deconstructive perspective of Derrida (1995), with interpretative gestures of Coracini (2007). And so, excavate the possible genesis of discontinuities and ruptures, through Foucault's archeogenealogy (1979). From the same author, to use the notions of discourse, utterance, discursive formation, archeology and genealogy (FOUCAULT, 1987, 2002, 2015). As notions of production conditions to chose Orlandi (2004). For questions concerning the unconscious Lacan (2009). For interdiscourse, our support was given by Authier-Revuz (1998). The rely on Coracini (2007) and Lacan (1998) to work with the notions of subject. Notions of identity find support in Coracini (2015), Butler (2017) and Bauman (2005). For the purposes of meanings, to use Orlandi's thought (1988, 1996, 1999, 2007). The notion of identification is based on Lacan (2003); and, performance with Butler (2017). As a result, the adolescent-mother subject is constituted in the fragmentation of the not-one being: being a teenager, being a mother, a woman, being peripheral and resistant to power struggles and knowing that the other inscribes her.

**Keywords: Discourse Analysis, Adolescence, Maternity, Instabilities.**

## TABELA DE FIGURAS

<b>FIGURAS</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PÁGINA</b>
<b>FIGURA 1</b>	Adolescente-mãe Documentário 01	<b>32</b>
<b>FIGURA 2</b>	Slogan Campanha M.S de prevenção a gravidez na adolescência	<b>33</b>
<b>FIGURA 3</b>	Adolescente-mãe Documentário 02	<b>34</b>
<b>FIGURA 4</b>	Tabela de Siglas	<b>51</b>

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
CAPÍTULO 1 .....	17
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO SOBRE E DAS ADOLESCENTES-MÃES .....	17
1. 1 Documentário 1: “Eu, Adolescente Grávida” (2008), de Ricardo Sá.....	21
1. 2 Documentário 2: “Saúde no Rolê: Gravidez na Adolescência” (2019), de Débora Lopes .....	22
1.3. A adolescente-mãe precisa da ajuda da mídia e da sociedade? .....	24
1.4 “É mais do que brincar de boneca, né?!” .....	29
1.5 O processo de substancialização de ser adolescente-mãe por meio dos dispositivos midiáticos.....	32
CAPÍTULO 2: SOBRE AS BASES TEÓRICAS: DISCURSO, ESQUECIMENTO E PODER. ....	37
2.1 Dos processos discursivos: memória e esquecimento .....	37
2.2 Sujeito e suas múltiplas identificações: fios que constroem uma rede de subjetividade .....	40
2.3 “Se alguém é uma adolescente-mãe, isso certamente não é tudo o que esse alguém é” .....	44
2.4 Estruturação do gesto analítico .....	47
CAPÍTULO 3 .....	52
GESTO ANALÍTICO INTERPRETATIVO DAS FALAS DAS ADOLESCENTES-MÃES EM (DIS)CURSO.....	52
3. 1 Problematização dos atos performáticos do sujeito adolescente-mãe frente aos dispositivos da maternidade, casamento e trabalho;.....	52
3. 2 De mãe para filha: “eu não quero que ela passe o que eu passei” .....	55
3. 3 Problematizações das figuras paternas presentes no documentário.....	57
INCONCLUSÕES .....	62
REFERÊNCIAS.....	68
REFERÊNCIAS ONLINE.....	72
ANEXO A: Transcrição da fala dos sujeitos que compõem o documentário. ....	74
ANEXO B: MEMORIAL DESCRITIVO .....	81

## INTRODUÇÃO

Início a discussão introduzindo o receptor deste texto ao lugar de fala a que essa mestrandia pertence. Sou sujeito constituído discursivamente pelos enunciados e sentidos atrelados aos papéis representativos (BOURDIEU, 2002) que o poder (FOUCAULT, 1979), por meio das coerções, me constituiu e me atribuiu ao nascer, em um determinado corpo, de mulher. Assim, foram atribuídos ao meu corpo, os papéis performáticos (BUTLER, 2017) de mulher, brasileira, parda, classe e família trabalhadora e praticante de religiões de matrizes africanas,

Na graduação, me inseri no Programa de Iniciação à Docência-PIBID, que, junto aos orientadores, segurou minhas mãos em meus primeiros (tímidos) passos na sala de aula. Foram muitos planejamentos, discussões teórico-práticas realizadas nas reuniões, e muitas tardes de estudos no Laboratório de Línguas – LELET, que me auxiliaram a construir meus processos disciplinares com os horários exigidos a cumprir no laboratório, que contribuíram para minha prática como professora, e posteriormente, como pesquisadora, a cumprir com as disciplinas e eventos na pós-graduação.

As leituras realizadas na pós-graduação nas disciplinas do programa e nas orientações recebidas deram-me força para desabrochar uma semente que me incomodava e pulsava em mim, a necessidade de gestar, problematizar e refletir a partir de meu corpo, não neutro, não universal. Meu gênero — mulher — e todos os valores simbólicos que ele carrega se tornaram um instrumento de luta e transformação social (HAESBART, 2020, BORDIEU, 2002) visto que, por meio desta pesquisa, fruto do corpo desta pesquisadora a quem vos fala, busco expandir essa discussão para a sociedade problematizar e, quem sabe, transformar os papéis sociais dominantes desta época (BORDIEU, 2002).

Ressalto que não sou e nem fui mãe, entretanto, sou mulher, fui adolescente. Logo, meu corpo carrega este valor simbólico, inserido em um sistema de ordens (FOUCAULT, 1971) estabelecido por uma sociedade estagnada (ZIZECK, 2014) e conservadora, em que predominam a circulação de enunciados pertencentes à formação discursiva (FD) do patriarcado (COLLING & TEDESCHI, 2015, HIRATA & LABORIE & DOARÉ & SENOTIER, 2009), que perpetuam diferenças entre homens e mulheres, naturais e biológicas tais como a ideia de que a mulher tem o dom natural e

biológico para ser mãe, enquanto o homem, como paterfamílias<sup>1</sup> -chefe de família- (COLLING & TEDESCHI, 2015) é autoridade máxima em uma propriedade, e não possui o dom biológico do cuidar, logo, este trabalho é separado para a mulher. Esse rastro da História, dentre os variados rastros, é uma das possíveis gênesis do falocentrismo na sociedade, na sociedade Romana, em que o homem herdava a responsabilidade de gestar a família (terra, propriedade), originou-se, dentre as possibilidades de origem, o termo pai de família, em que ao homem, foi atribuído a reponsabilidade organizacional e financeira de suas terras (família).

Ao significante família foram atribuídos significados que possibilitaram a abrangência da terra aos membros outros que moravam, como a esposa, os filhos, os escravizados, e todo sujeito que ali habitasse, pertenciam ao *patre arke ado* (*patre* significa pai, *arke*: ordem, autoridade, e *ado*: máximo, o ultimo a dar a palavra) (COLLING & TEDESCHI, 2015). Estabeleceu-se, literalmente, na sociedade romana, o pai de família como autoridade, aquele quem dá as ordens à esposa e aos filhos, e aos trabalhadores escravizados. A responsabilidade atribuída a mulher, como esposa, era a de cuidar dos afazeres domésticos e cozinhar para os filhos e o marido.

Em outro rastro da descontinuidade histórica, podemos observar o processo de colonização no Brasil, em que os colonizadores impuzeram sua cultura aos povos originários e escravizados, cultura essa também regida pelo masculinismo e falocentrismo. Tal cultura foi imposta via educação jesuítica, em que os padres ensinaram o que eles consideravam como “bons modos e bons costumes” para amenizar os pecados perante o Deus deles.

Os sentidos dessa educação (impositiva) para as mulheres, também se relacionava somente com o cuidado e afazeres domésticos e dos filhos, para apaziguar a ira divina, pois seu corpo, que sangra mensalmente, foi instituído pelo cristianismo como impuro. Não se deve sentar à mesa, nem dormir na mesma cama em que está a mulher nos dias do período<sup>2</sup>, porque ela traz consigo, escorrendo por seu ventre, a morte (sangue menstrual). Ela é digna da punição divina duplamente: primeiro por praticar o ato sexual, pois, Maria, mãe de Jesus, casou e engravidou sem praticar o ato obsceno do prazer da carne, mantendo assim sua pureza virginal. A segunda punição para a mulher é a de que, ao praticar o prazer da carne, o sexo, e não cumprir seu papel biológico de

---

<sup>1</sup> Segundo a definição do dicionário, as palavras gregas: *pater* significa pai e *arkhe* significa origem e comando, ou seja, “literalmente a autoridade do pai” (COLLING & TEDESCHI, 2015. p. 178).

<sup>2</sup> Esses dizeres se encontram nos versículos do livro Bíblia Sagrada, no capítulo Velho Testamento.

gestora é vista como árvore infrutífera, seca, tão pecadora que não merece ser agraciada (mensalmente) pelo fruto divino da vida.

A cultura colonial cristã limitou o papel social da mulher na sociedade: o papel de gestar e cuidar de seu lar, para agradar a Deus (figura masculina). Judith Butler (2017) aponta, em sua discussão, que a constituição cultural e linguística são masculinistas e falocêntricas; tudo que foi criado na e pela lingua(gem) foi direcionado ao homem. Logo, por muito tempo na História, a mulher não teve direitos civis, como o direito a educação, ao voto, a opinar sobre o regimento da sociedade (patriarcalista).

Então, as mulheres reivindicaram a posse de seus corpos, como resistência (BUTLER, 2017) e se organizaram para lutar por seus direitos, e passaram, aos poucos, a sair das tarefas domésticas, para gestar sua carreira, trabalhar fora de suas casas, chefiar sua família, e tomar a responsabilidade do homem de gestar a vida da mulher. Entretanto, em meio à resistência ao poder hegemônico, masculino, falocêntrico, a sociedade estagna-se (ZIZECK, 2014) em uma falsa ideia de revolução e progresso feminino, e se (re)vela em seus conceitos cristãos coloniais enraizados.

Mesmo na contemporaneidade, com o progresso da luta das mulheres, o homem ainda é autoridade máxima, e pode decidir se a progenitora de seu filho é merecedora ou não de pertencer a sua propriedade, produzindo condições de produção que favoreçam o abandono parental como pai e parceiro. Este comportamento social condiciona reproduções, repetições, que se atualizam sócio historicamente a cada vez que uma adolescente torna-se mãe, emergindo significações outras, performances outras. Parece-nos que o comportamento das meninas ao engravidarem na adolescência, é uma resistência à imposição cultural cristã ao sexo somente após o casamento. Resistem à manutenção atual da concepção sagrada do corpo materno divino e virginal, passivo, docilizado, que não se entrega o prazer pecaminoso da carne.

A partir destes apontamentos, temos<sup>3</sup> como pressuposto de que os ensinamentos de prevenção da gravidez são direcionados às adolescentes, logo, emergiu-se a hipótese de que existe um apagamento nos papéis sociais destinados à menina adolescente e uma adultização precoce a ela direcionada.

A relevância desta dissertação é marcada pelo número significativo de

---

<sup>3</sup> O tratamento da escrita desta dissertação é composto pelo discurso na primeira pessoa do plural, pois esta pesquisadora e as discussões aqui levantadas constituem-se de vozes outras, discursos outros, tornando este corpo plural físico e subjetivo.

cinquenta e três a cada mil adolescentes<sup>4</sup> que se tornam mães na sociedade brasileira e eleva essa discussão para além da questão de saúde pública, torna-se uma discussão de cunho social, histórico e cultural de extrema necessidade.

Questionamo-nos então, o que atravessa a subjetividade do sujeito adolescente-mãe frente à maternidade? Quais são os jogos de relações entre enunciados e acontecimentos que se estabelecem a respeito do que é ser adolescente-mãe no discurso religioso, político, pedagógico e sociocultural? Para discutir essas questões, propomos, enquanto objetivo geral, problematizar as performances históricas e culturais destinadas ao sujeito adolescente-mãe. Percorreremos, também, como objetivos específicos interpretar e rastrear as marcas de subjetividade e instabilidades do sujeito adolescente-mãe em relação aos dispositivos da maternidade, trabalho e casamento. Como segundo objetivo específico, propomos rastrear as formações discursivas, os inter/intradiscursos, memória discursiva e arquivo; e, como terceiro objetivo, discutimos as relações de identidade, identificação e relações de saber, poder e resistência que envolvem o sujeito adolescente-mãe e a figura paterna.

Em um primeiro momento, a constituição do *cópus* versava por meio do procedimento de entrevista narrativa, ouvir as adolescentes mães acolhidas pelo projeto de assistência do Centro de Referência de Assistência Social — CRAS “Colo de Mãe”, situado na cidade de Três Lagoas –MS. Pretendia-se observar e questionar o papel do projeto, do professor e da coordenação, como mediadores do processo de reinserção social das adolescentes que retornavam das licenças de maternidade frente às possíveis (des)estruturas familiares em que se depararam. Posteriormente, para conhecermos a fundo o projeto, visitamos o CRAS e constatamos que seu foco é o fortalecimento de vínculo familiar com as crianças de idade entre zero e sete anos.

As adolescentes grávidas eram mantidas no desfoque, no local fronteiro do projeto: as tipificações na pasta da assistência social e as campanhas de prevenção à gravidez. Estas ações geram efeitos de sentidos de que a preocupação social está distante da preocupação com a adolescência. O protagonista, aquele que merece a atenção da assistência social, é o indivíduo que está para vir ao mundo, para que ele não seja abortado por esse adolescente.

Diante da necessidade de nossa proteção e das adolescentes-mães, em

---

<sup>4</sup> Conforme o site do Governo do Distrito Federal - GDF  
Link disponível: < <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/02/01/fala-adolescente/>>  
Acesso em: 17/10/21.

consequência da COVID-19, modificamos nosso *cópus*, constituído por seis recortes enunciativos selecionados da transcrição de dois documentários *online*: “Eu, adolescente grávida” (SÁ,2008), e “Saúde no rolê: gravidez na adolescência” (PLAN INTERNACIONAL, 2019). Deste modo, nosso aporte teórico se constitui na tríade conflituosa e transdisciplinar entre a Linguística, a História e a Psicanálise, pela perspectiva discursivo-desconstrutiva de Derrida (1995), com gestos interpretativos de Coracini (2007). E assim, escavar as possíveis gêneses das descontinuidades e rupturas, por meio da arqueogenealogia de Foucault.

Do mesmo autor, utilizamos as noções de discurso, enunciado, formação discursiva, arqueologia e genealogia (FOUCAULT, 1987, 2002, 2015). Como noções de condições de produção elegemos Orlandi (2004). Para as questões relativas ao inconsciente Lacan (2009). Para interdiscurso, nosso suporte deu-se com Authier-Revuz (1998). Apoiamo-nos em Coracini (2007) e Lacan (1998) no trabalho com as noções de sujeito. As noções de identidade encontram suporte em Coracini (2015) e Bauman (2005). Para efeitos de sentidos valemo-nos no pensamento de Orlandi (1988, 1996, 1999, 2007). A noção de identificação fundamenta-se em Lacan (2003); e, performance com Butler (2017).

Traçamos, na cena de enunciação desta dissertação, o levantamento bibliográfico para nos situarmos no contexto da produção acadêmica existente acerca do tema pesquisado. Para tanto, exploramos a plataforma online Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Em primeiro lugar, nossa busca se constituiu pelo rastreamento da expressão “Adolescente mãe”. Por meio dela, obtivemos como resultado 20 páginas com 793 trabalhos realizados. Dentre eles, temas diversos como: violência contra mulher; leitura de histórias na Unidade de Terapia Intensiva (UTI); filhos de mães portadoras Do Vírus da Imunodeficiência humana (HIV); transtornos alimentares em mães adolescentes; estratégias de redução da vulnerabilidade de adolescentes à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS); mães no mercado de trabalho; sobre mães de crianças e adolescentes obesos em tratamento ambulatorial; sobre abuso sexual de adolescentes e mães no cárcere e distúrbios menstruais em adolescentes.

Entre as 793 dissertações e teses encontradas, destacamos quatro que envolvem o sujeito adolescente- mãe, sobretudo em contexto discursivo, sendo três dissertações e uma tese.

Nunes (2007) discute sobre as adolescentes mães recentes de baixa renda e representações familiares, do ponto de vista da Psicologia Clínica, em dissertação pela Universidade Católica de Pernambuco. Visando compreender a representação de família que perpassa a adolescente-mãe a partir de dois instrumentos de coleta de dados, Teste do Desenho da Família com Estórias (DF-E) e entrevistas semiestruturadas com doze adolescentes mães recentes (em relação ao período de elaboração da dissertação). A base teórica utilizada pela autora pauta-se no pós-estruturalismo, na arqueologia de Foucault (1972) nos estudos culturais, no que se refere à identidade a partir de Woodward (2000); e, representações sociais no que concernem as questões de gênero com Judith Butler (2003).

Os resultados apontam haver representação da família nos moldes tradicionais. O lugar do pai é conservado mesmo que fragilizado e há percepções da família que envolvem os laços de proteção, respeito e felicidade, além de brigas, discussões, desunião e ausência de diálogos. Dessa forma, há uma idealização da família em contraste à realidade dificultosa.

Leão (2012) discute a questão da dupla prematuridade na maternidade e na adolescência, do ponto de vista da Psicologia, em dissertação pela Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, com proposta de investigar a experiência, a relação que a mãe adolescente mantém com o bebê prematuro durante sua internação hospitalar. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas e anotações de experiências e vivências da pesquisadora com caráter qualitativo e longitudinal.

A base teórica selecionada pela autora é pautada na psicanálise freudiana e questões culturais relacionadas aos papéis socioeconômicos das adolescentes mães discutidas por Ortiz, Barré, Carrillo & Gutierrez (2006), bem como as diferenças de gênero, classe social e cultura em Heilborn et al. (2009). Os resultados apontam que a transição para a maternidade é marcada por diferentes tempos: o tempo da UTI, o tempo do bebê e o tempo da adolescente. Há crises intensas que envolvem fantasias de morte do bebê, os sentimentos de invasão em relação à convivência hospitalar e a variação da intensidade do impacto que a prematuridade causa nas adolescentes mães. Leão (2012) também notou a ambivalência característica da fase da adolescência que envolve, especialmente, as modificações do corpo e dúvidas em relação à maternidade. Considerou-se, então, que, com o bebê precoce, também há a adulta precoce que precisa abdicar do adolecer.

Leite (2011) discute a vivência da maternidade nas adolescentes mães em medidas socioeducativas, do ponto de vista da Família na Sociedade Contemporânea, em uma dissertação pela Universidade Católica do Salvador-UCSal. O objetivo de investigar os sentidos acerca da vivência de maternidade das adolescentes-mães que cumprem medida socioeducativa, considerando o vínculo familiar de origem e com sua criança. A base teórica é de caráter multidisciplinar (SILVA, et al., 2009, LIMA, 2002), pautados nos estudos psicológicos (LEVANDOWSKI, PICCININI, LOPES, 2008), na busca constante pela identidade (ERIKSON, 1987) enquanto sujeitos inscritos em um sistema penal que as vigia e pune (FOUCAULT, 2009). A pesquisa se desenvolveu por meio do trabalho de campo na Comunidade de Atendimento Socioeducativo (CASE/SSA) via entrevistas estruturadas por roteiro.

Os resultados apontam que, apesar da concepção da maternidade na adolescência como um acontecimento de risco, os sujeitos de pesquisa demonstram vivenciar uma experiência desejada, satisfatória e redentora. A autora aponta que, ao invés de punição, é necessário promoção, é preciso substituir o sentido de “cura” e “reforma moral” por transformações que afetam os adolescentes e suas potencialidades.

Ribeiro (2009) discute a questão do processo de “saúde-doença” à construção do processo de “saúde-resiliência” da adolescente-mãe, do ponto de vista da saúde-doença na Antropologia Médica, em tese pelo programa de pós-graduação de enfermagem, na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP).

O objetivo desta tese foi descrever e compreender como os adolescentes vivenciam a gestação e o processo de nascimento por meio da pesquisa etnográfica com entrevistas semi-estruturadas e observação participante. A base teórica selecionada pela autora foi pautada na Etnografia de contexto cultural voltado para as minorias (GEERTZ, 1989, PEIRANO, 1995, ATKINSON E HAMMERSLEY, 2005), em que os autores acreditam que um grupo individual, no caso deste estudo, as adolescentes mães, cria uma cultura e uma realidade que orienta a visão de seus membros e a forma pela qual estruturam suas experiências e sua vida diária (HELMAN, 1994).

Os resultados apontam que existem mudanças positivas, ocasionadas pela gestação, na vida das adolescentes. Os programas de prevenção de riscos e promoção da resiliência se centram no indivíduo e no grupo social, considerando que o trabalho em rede funciona como uma dimensão que integra múltiplos setores, desde os aspectos macroestruturais (políticos, sistema social e econômico) até a articulação interna (família, escola, amigos, comunidades) para mobilização das intervenções. Assim, para

além do problema de saúde pública, a gravidez na adolescência envolve o desenvolvimento de habilidades e competências individuais que resultarão em habilidades e competências familiares.

Após essa primeira pesquisa no BDTD, pesquisamos acerca das representações dos sujeitos pesquisados, que se configuram como o núcleo temático desta dissertação. Neste momento, a expressão buscada foi “Representações da adolescente mãe”. Obtivemos duas páginas de resultados com 39 pesquisas disponíveis que também abordam temas diversos como: a representação social de adolescentes autores de homicídios, representações sociais sobre depressão pós-parto, representações sociais sobre a figura paterna, representações de adolescentes sobre HIV, representações sociais de mães acerca da adolescência, representação mental de adolescentes depressivos, sobre a guarda de crianças e adolescentes, sobre trabalho infanto-juvenil não remunerado, sobre o silêncio dos professores diante da violência sofrida pelos alunos e sobre o acolhimento institucional de crianças.

Das 39 dissertações e teses encontradas, selecionamos quatro a partir do critério temático que envolve as representações de adolescentes mães, sendo três dissertações e uma tese. Passemos agora à apresentação de cada uma delas.

Calaf (2007) discute a desconstrução da infância e da sexualidade de meninos e meninas de rua, do ponto de vista Antropológico e das Ciências Sociais, em uma dissertação pelo programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UNB). Para entender como a disposição ao sexo é fator fundamental para a construção identitária masculina e feminina e como se constitui esse saber enquanto condição para não ser mais criança. A pesquisa é de cunho etnográfico e envolveu questões sobre valores como liberdade, esperteza e valentia, valores acessados pelas próprias e alheias representações sobre a infância e a sexualidade.

A base teórica selecionada pela autora foi a Antropologia da Imaginação (CRAPANZANO, 2005) cuja construção de si (FOUCAULT, 1976) dos meninos e meninas de rua, constituem suas identidades transitórias (BUTLER, 2003, COSTA, 1984) e plurais, conforme viração e circulação entre identidades e espaços (GREGORI, 2000), considerando as crianças como seres pensados pela moralidade hegemônica, sexualmente liminares beirando o incontrolável, escapando ao controle familiar e pedagógico, mas estando expostos ao controle do panóptico geral (FOUCAULT, 1975): as ruas e becos onde o inominável se daria.

Os resultados apontam que os meninos e meninas da Galera circulam entre o ser criança e o não ser criança, ser família e ser ruas. A identificação com a sexualidade se dá para aquisição de poder, liberdade e conhecimento, tanto para os meninos como para as meninas. Entretanto, seus modos de expressão seguem a moralidade do imaginário ocidental: os meninos propõem a relação sexual, enquanto as meninas não o devem propor, mas estar sempre dispostas para o sexo.

As meninas entendem-se livres, espertas, valentes, “bicho solto” neste mundo “cão”. São mais que meninas, são “muleques da Galera”. São as responsáveis pela reprodução, devem se ocupar dos cuidados para não acontecer, bem como administrar o desejo masculino em função não só da contracepção, mas também da reputação delas. São elas espertas para prender o “macho” por meio da gravidez (CALAF, 2007).

As políticas de saúde libertam e aprisionam estes sujeitos, ao inserirem na categoria de meninos e meninas em situação de rua. Negam-se a ser submissos e obedientes à família, entretanto são vistos como menores, fora da ordem, perante a sociedade, que quer inseri-los de volta na ordem, acompanhados de perto, controlados pelas instituições.

Padilha (2011) discute a evasão escolar e as representações sociais que envolvem a mãe adolescente, sob o ponto de vista dos Estudos Culturais, em dissertação pelo programa de pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (PPGEN). O objetivo foi apreender as representações sociais da gravidez e da evasão escolar para a adolescente mãe. A base teórica selecionada pela autora consiste na discussão transdisciplinar levantadas pelas representações sociais em Machado (1997) e Moscovici (2007). Os resultados apontam que a evasão escolar das adolescentes, em geral, é ocasionada pela gravidez e a falta de preparo dos trabalhadores da educação para recepcionar uma gestante na sala de aula. A evasão também é uma decisão tomada com base na representação da mãe como a única pessoa responsável pelo cuidado do filho e o pai como provedor. A autora discorre sobre a gravidez como uma das causas da baixa escolaridade entre as mulheres e da dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Por fim, Padilha (2011) enfatiza o papel da enfermagem para a construção de políticas públicas sobre a permanência e/ou retorno dessas jovens ao ambiente escolar.

Cabral (2010) discute a questão da maternidade na adolescência e suas representações, do ponto de vista da teoria psicanalítica, em dissertação pelo programa de pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. O objetivo consistiu em investigar as representações maternas no contexto da maternidade

na adolescência. A base teórica selecionada pela autora se apoia nas discussões psicanalíticas de Freud (1911/1996, 1914/1996, 1915/1996) e Levandowski, (2005, 2008). Os resultados demonstraram que as representações sobre suas mães e seus bebês são norteadoras para a construção da própria maternidade das jovens. Tais representações sociais e familiares afetam os aspectos intergeracionais na identidade materna das participantes do estudo, como a maturidade no exercício do papel materno e também certo despreparo para exercer esse papel.

Gurgel (2011) discute as representações sociais dos enfermeiros acerca da prevenção da gravidez na adolescência, do ponto de vista das Representações Sociais, em tese pelo programa de pós-graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

O objetivo da pesquisa foi analisar a tendência dos riscos da gravidez na adolescência para os recém-nascidos e as representações sociais dos enfermeiros sobre a prevenção. A base teórica selecionada pela autora consiste na discussão sobre representações sociais em Abric (1994, 1998, 2000, 2003). Os resultados apontam que houve um aumento de nascidos vivos filhos de adolescentes, apesar de terem maiores riscos de baixo peso e de morrer antes de completar seis dias em comparação à mãe adulta. Sobre as representações dos enfermeiros acerca da adolescente-mãe, notou-se que o significado de prevenção da gravidez está relacionado ao desenvolvimento de habilidades das adolescentes via educação em saúde, advocacia, anticoncepção e projeto de vida, responsabilizando a família, a escola e a unidade de saúde.

Por este percurso de pesquisas acadêmicas sobre o tema que tratamos, observamos que circundam as áreas de Enfermagem (duas teses e uma dissertação), Psicologia (uma dissertação), Psicologia Clínica (duas dissertações), Antropologia Social (uma dissertação) e Família na Sociedade Contemporânea (uma dissertação), envolvendo as Teorias da Representação Social, a Teoria Psicanalítica, e como procedimentos metodológicos, a Etnografia e o Trabalho de Campo. Embora essas pesquisas trabalhem com o referencial teórico metodológico em comum nossa pesquisa, como Foucault (1984), Butler (2017) e Bordieu (2008). Até o momento não encontramos, por meio do nosso processo de busca na BDTD, pesquisas de pós-graduação concluídas sobre discursos e representações histórico-culturais sobre e de adolescentes mães.

Nunes (2007) é a que mais se aproxima da base teórica desta pesquisa. Assim a aproximação com a nossa pesquisa se dá, sobretudo, pela base teórica, no pós-

estruturalismo discursivo, em que utiliza a materialidade linguística e simbólica e adentra os estudos culturais, entretanto, é rara a discussão dos aspectos pelo ponto de vista da arqueogenealogia e ausente o ponto de vista da Análise do Discurso de orientação francesa e da desconstrução a respeito da temática da gravidez na adolescência.

Por acreditar que esta pesquisa pautada na Análise de Discurso de orientação francesa possa contribuir para as discussões a respeito da temática aqui abordada, articulamos nossa escrita em três capítulos. Capítulo 1: “Condições de produção dos dizeres sobre e das adolescentes-mães”; escavamos rupturas e discontinuidades que propiciam a produção do sujeito que constitui nossa pesquisa: a adolescente-mãe. Para isso, descrevemos os documentários, e suas condições históricas e culturais que propiciaram sua produção. Como também as relações de sentido que circundam a constituição da (i)maturidade fisiológica e psicológica e seus processos de substancialização, constituídos pelos dispositivos midiáticos e sociais.

No capítulo 2: “Sobre as bases teóricas: discurso, esquecimento e mídia;” explanamos sobre as bases teóricas adotadas para constituir as problematizações sobre o sujeito adolescente-mãe nos documentários.

E, por fim, no Capítulo 3: “Gesto analítico interpretativo das falas das adolescentes-mães em (dis)curso”, em que trabalhamos com seis recortes a partir das condições de produção expostas no Capítulo 1.

## CAPÍTULO 1

### CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO SOBRE E DAS ADOLESCENTES-MÃES

Compreendemos que para problematizar as performances histórico culturais do sujeito adolescente-mãe, se faz necessário rastrear os fios discursivos, (des)construídos por e pela linguagem, que propiciam condições de produção de sentidos que envolvem os papéis representativos destinados a adolescente-mãe na história e na cultura brasileira. Para isso, realizamos um processo de escavação nas materialidades histórico-culturais para chegarmos o mais próximo das possíveis gêneses constituídas ao longo do tempo, a qual instaura uma determinada “verdade” (FOUCAULT, 1979) marcada na memória de um povo, produzindo, pelas práticas discursivas, o que é e como deve ser o sujeito adolescente-mãe.

Portanto, é pela linguagem que o sujeito se expressa, revelando (ou não) sua luta, suas vivências, sua arte e sua sobrevivência. As materialidades linguísticas dos textos das instituições de poder que regulam a cultura e a história, contribuem para a compreensão das condições de produção sobre o que é e como deve ser exercida a maternidade na adolescência a partir dos conflitos que constituem o jogo de saber e de poder histórico social, da saúde e do direito.

Consideramos que os fios discursivos que unem os encontros de enunciados mais recentes aos milenares transitam em uma disputa de espaço, entrelaçados. Para Orlandi (1999, p. 09), “haverá sempre, por mais estabelecida que já seja a disciplina, muitas maneiras de apresentá-la e sempre a partir de perspectivas que mostram menos a variedade da ciência que a presença da ideologia.” Segundo Cardoso (2003, p. 29), entre as palavras e as coisas existe um vínculo de “representação e designação”, quando anuncio, não consigo expressar tudo o que pretendia, “não há uma linguagem que garanta acesso ao real”, pois existe a dispersão dos efeitos de sentido.

Em outras palavras, a significação de um determinado enunciado não se apreende apenas a seu léxico, estrutura, ou ao seu significante. A minha subjetividade e a do outro que recebe meu enunciado, diferem, é impossível separar a língua do (m)eu<sup>5</sup>. Assim, somente a gramática e suas regras constituintes da língua não garantem total

---

<sup>5</sup> O termo “(m)eu” refere a um jogo com os pronomes pessoal “eu” e possessivo “meu”, este jogo refere-se aos jogos de poder entre os outros que constituem e atravessam esta pesquisadora e o leitor desta pesquisa.

acesso à representação do dizer, do real.

A Análise do Discurso (AD) preocupa-se com o estudo da significação, refletindo sobre as formações sociais, se desprende da univocidade simbólica e da dependência da Gramática estrutural. Na relação binária entre o branco e o preto, por exemplo, a AD encontra vários tons de entremeio, entre a estática relação entre significante e significado, considerando primordialmente a “relação da linguagem com a exterioridade” (ORLANDI, 1999, p. 60).

A exterioridade compreende as “condições de produção do discurso: o falante, o ouvinte, o contexto da comunicação e o contexto histórico-social (ideológico)” (ORLANDI, 1999, p. 60). A significação é buscada na exterioridade da palavra, na Língua, na Cultura, na História, nos objetos do mundo, na psique, no conjunto de regras sociais que regulam o que pode ser dito, na modalização, na metáfora, naquilo que não se tem a intenção de dizer e escapa entre aquele que não conseguimos controlar, o inconsciente<sup>6</sup>. A exterioridade constitui as práticas sociais e a linguagem, regulando as interpretações e as encaixando em determinadas condições de produção específicas, na qual o sujeito é o “lugar de significação historicamente constituído” (ORLANDI, 1999, p.37).

É com base nessa noção de exterioridade que, neste capítulo, situamos primeiro, o local enunciativo da pesquisadora apresentando a perspectiva teórico-metodológica que embasa a pesquisa, os passos percorridos de construção e desconstrução do cópuz e os processos que constituem a análise. Em seguida, situamos os dizeres das adolescentes mães a partir de dois documentários que serão analisados posteriormente: “Eu, adolescente mãe” de Ricardo SÁ (2008), e “Saúde no Rolê, Gravidez na Adolescência” da Plan Internacional Brasil (2019).

Nosso aporte teórico-metodológico se concentra no campo da Análise de Discurso de Linha Francesa que utiliza o pensamento do filósofo e historiador Michel Foucault (1979) como suporte para as discussões sobre discurso, arqueogenealogia, genealogia e relações de poder e saber. Pautamo-nos também na transdisciplinaridade instaurada pela tríade da História, Linguística e Psicanálise constituída pela perspectiva discursivo-desconstrutiva de Derrida (1995), com gestos interpretativos de Coracini (2007), entendemos a desconstrução como estratégia argumentativa pela qual interroga

---

<sup>6</sup> Entendemos inconsciente consoante com Kaufmann (1996), um conjunto dos efeitos da fala no sujeito em um nível em que os efeitos do significante constituem o sujeito. Para Lacan (1998), o inconsciente é estruturado como linguagem, inaugurando a estrutura do eu, o Outro do discurso.

a língua(gem), o sujeito, os saberes, as “verdades”, e os discursos, incluindo os nossos, imbricados à ideia psicanalítica de Lacan (2009) de não completude, não objetividade, clivagem e contradição que os constituem.

Assim, a abordagem da perspectiva discursivo-desconstrutiva se apoia na tensão da tríade transdisciplinar entre a Linguística, a História e a Psicanálise, para desarticular as dicotomias estabilizadas e transformar o fixo em deslocado. A desconstrução não é entendida como destruição, é o questionamento de saberes dicotômicos entendidos como “verdade” naturalizada, indagando e deslocando saberes cristalizados (DERRIDA, 1995). É por meio dela que rastreamos as rupturas dos fios discursivos que constituem ou não, as performances histórico-culturais desenvolvidas pela adolescente-mãe, emergidos na materialidade linguística.

Assim, envolvidos por determinadas performances apontadas na Introdução e percorridas ao longo dessa dissertação, a ideia deste projeto de pesquisa se deu em um período pré pandêmico em que o coronavírus nos levou a um necrocolapso que assolou o mundo. Para nossa proteção e do outro, foi necessário nos isolarmos em nossas casas. Dessa forma, fomos obrigados a modificar o *cópus* desta pesquisa. Como o sujeito de nossas problematizações é a adolescente-mãe, selecionamos dois documentários que também versam sobre este sujeito.

Os documentários estão disponibilizados na plataforma *online*, de domínio público, no *Youtube*, de título: “Eu, adolescente grávida” (2008)<sup>7</sup> e a documentário “Saúde no Rolê: Gravidez na adolescência” (2019)<sup>8</sup>. Estes versam a respeito da vivência individual e coletiva de jovens meninas, nomeadas pelos produtores de adolescentes grávidas. Os documentários foram publicados com uma diferença histórico-temporal de quase dez anos, contribuindo para nossa análise quando indagamos sobre a memória discursiva da maternidade na adolescência. Chamaremos estes documentários pelas siglas D1, referente a “Eu, adolescente grávida” (2008), e D2 referente a “Saúde no Rolê: Gravidez na adolescência”(2019).

Presumimos que D1 e D2 tenham um alcance de público considerável na plataforma *Youtube*, para constituir essa pesquisa. O primeiro documentário foi lançado

---

<sup>7</sup>Endereço: SÁ, Ricardo Salles, Eu adolescente grávida. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=4HF1HQhkP\\_M](https://www.youtube.com/watch?v=4HF1HQhkP_M)> Acesso em 18 de Maio de 2021.

<sup>8</sup> Endereço: PLAN INTERNACIONAL, Saúde no Rolê, cap 4. Gravidez na adolescência, 2019. Disponível em <<https://plan.org.br/saude-no-rol/>> Acesso em 18 de Maio de 2021.

na plataforma em 2012, resultando em 719.112 visualizações, 3,7 mil *likes* e 348 *unlikes*, traduzido para o Francês, disponibilizado também na plataforma. Enquanto o segundo documentário foi lançado em 2019, e obteve 5.954 *views*, 189 *likes* e 4 *unlikes* na plataforma, até o momento da coleta de dados.

O gênero discursivo, documentário, é tratado nesta pesquisa à luz da concepção dialógico-discursiva de Bakhtin (2003), em que a comunicação verbal é acompanhada por atos sociais de caráter não verbal. As enunciações são carregadas de ecos e ressonâncias de outros enunciados, com os quais estão ligados pela esfera da comunicação discursiva, que se aproximam da noção de interdiscurso (ORLANDI, 1996).

Para além da constituição do *cópus* exposto acima, atinamos que a interpretação deste é atravessada por outras materialidades que podem contribuir para a construção do imaginário social sobre o sujeito de pesquisa. Materialidades que disponibilizamos, neste capítulo, para a problematização das condições de produção do sujeito AM, são elas: duas capturas de telas (*prints*) dos documentários, uma de cada — Figura 1 e Figura 3 —; e uma captura de tela do *slogan* da campanha da semana da prevenção da gravidez, de 2019 — Figura 2. Logo, é mister problematizar a construção midiática a respeito da adolescente-mãe e as condições de produção que regulam seu espaço possa contribuir para o processo performático (BUTLER, 2017) deste sujeito por meio dos (não) ditos e das práticas discursivas que estabelecem as relações de saber e poder presentes nestes arquivos digitais.

Por meio do processo analítico, observamos a irrupção de sentidos que capturam o corpo do sujeito e constroem a imagem de como e quem deve ser o sujeito adolescente-mãe. Para acessar as práticas discursivas inscritas nos saberes problematizados, adotamos algumas noções, enquanto dispositivos teórico-analíticos, como enunciado, discurso, memória, interdiscurso e arquivo, noções explanadas ao longo da pesquisa.

Para uma melhor compreensão do leitor, descreveremos os documentários que integram este estudo, nos tópicos 1.1.2 e 1.1.3, consecutivamente, sobre os documentários: D1, “Eu, Adolescente Grávida” (2008), do produtor Ricardo Sá, e D2, “Saúde no Rolê; Gravidez na adolescência” (2019), roteirizado por Débora Lopes, para o projeto Plan Internacional Brasil.

### 1. 1 Documentário 1: “Eu, Adolescente Grávida” (2008), de Ricardo Sá<sup>9</sup>

Buscamos informações sobre Ricardo Sá em suas outras plataformas virtuais que abordassem a respeito de seu trabalho, visto que na plataforma *Youtube*, não encontramos descrições que os especificassem.

O autor realizou projetos com pouco ou nenhum recurso, mas articulados a uma rede de parceria, concentrada no estado de Espírito Santo — ES, como a Secretaria de Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo — (UFES), a Organização Não Governamental- ONG Fundo Socioambiental para Projetos dos Povos e Grupos que Preservam a Amazônia paraense — FASE (ES) e Projeto EDUCAÇÃO DO CAMPO (UFES).

Foi a partir do cinema que se descobriu de origem Puri ou Botocudos-indígenas habitantes das florestas do interior do Brasil-, que, em suas palavras, os portugueses colonizadores destruíram sua cultura. O documentarista afirma que seu projeto cinematográfico é um espelho desta memória, buscando refletir sobre esses processos sócio-identitários em seus filmes. Segundo ele, o projeto cinematográfico é um “espelho desta memória” (SÁ, 2012), em que busca refletir em seus filmes sobre os processos de investigações sobre a história e/ ou sobre a sociedade atual. Suas temáticas abordam as questões indígenas, descritas pelo autor como um olhar “autochtone naturista e humanista” (SÁ, 2012), por meio da simplicidade da forma. O autor afirma que se satisfaz em se tornar invisível em suas obras, para valorizar a vivência dos personagens.

O documentário 1 “Eu, adolescente grávida” (2008) é um dos documentários, dentre os 89 vídeos produzidos pelo documentarista, disponibilizado em seu canal no *Youtube*. Foi produzido como fruto da parceria de sua empresa, “Interferências Filmes e Projetos”, ao Festival “Circuito Cultural Vitória”, realizado pela Secretaria Municipal da cidade. Além da divulgação no Festival local e em suas plataformas pessoais, a produção se situa também no site da produtora “Contraponto”, que reúne documentários latino-americanos, como o “Curta doc”.

---

<sup>9</sup> A descrição da biografia de Ricardo Sá está disponível nas plataformas digitais com perfil profissional “vimeo”, e na central de editais “Prosas” como proprietário da empresa “Interferências Filmes e Projetos” como pessoa jurídica com fins lucrativos, cuja descrição dos eventos produzidos pela empresa é a de desenvolvimento e valorização local de sua comunidade. De acordo a descrição disposta no *vimeo*, o documentarista é bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em 1988.

O projeto nasceu em 2009, fomentado pelo extinto<sup>10</sup> órgão federal Ministério da Cultura, no governo de Luis Inácio Lula da Silva. Segundo a descrição do projeto no site, seu objetivo é “promover o acesso, o intercâmbio, a integração entre os países e idiomas, valorizando a produção e difundindo o audiovisual como patrimônio imaterial” (SÁ, 2012). O programa de documentários teve temporadas produzidas para a televisão brasileira, disponibilizando 141 episódios para o SescTv, e disponibilizado no site, desenvolvido pela Zerotrack em 2013, com mais de 500 pessoas entrevistadas e exibição de 450 documentários brasileiros e latino-americanos, dentre eles, o documentário de Sá; “eu, adolescente grávida”, que consiste em uma narrativa construída, em primeira pessoa, por seis adolescentes mães, junto às suas mães e parceiros, relatando suas experiências com a maternidade na adolescência, descrito com a legenda: “Para surpresa de muitos, a gravidez não é vista como algo negativo. Um documentário sem julgamentos” (CONTRAPONTO,2009).

A cenografia em D1 não obedece a uma linearidade de cenas e diálogos, marcando a subjetividade de Ricardo Sá como predominante aos fios discursivos gravados nos diálogos das personagens. A música que embala as entradas de determinadas cenas, é um som de piano cujo ritmo remete aos sentidos que constituem o universo infantil, como as cantigas de ninar. Em nossa interpretação, entendemos a escolha desta trilha sonora como um processo de subjetivação aos espectadores, dispersando efeitos de sentidos de que o sujeito adolescente-mãe se constitui na inocência do universo infantil, presumimos que foi um recurso estilístico utilizado para despertar certa comoção às personagens construídas em seu documentário.

## **1. 2 Documentário 2: “Saúde no Rolê: Gravidez na Adolescência” (2019), de Débora Lopes**

O documentário 2 é resultante do capítulo “Gravidez na adolescência” (2019), produzido para o canal “Saúde no Rolê, Programa Adolescente Saudável”, realizada pela Organização Não Governamental *Plan Internacional Brasil*. Foi fomentado pelo laboratório Astrazeneca, atual produtor de uma das vacinas imunizadoras do vírus que assola o Brasil, em plena crise sanitária, com mais de 500 mil mortes, a Covid-19.

---

<sup>10</sup> Denominamos o órgão federal Ministério da Cultura de extinto, pois foi criado em 1985, e foi extinto, junto a outras pastas do Ministério, em 2019, sob o governo do atual presidente, Jair Bolsonaro.

Roteirizado por Débora Lopes, cuja biografia se encontra disponível em seu perfil profissional da plataforma virtual *LinkedIn*, cunhada de descrições de produção como produtora de conteúdo digital com mais de dez anos de experiência. Ganhadora em segundo lugar no V Prêmio Latinoamericano de Periodismo sobre Drogas, na República Dominicana. Atuou como *freelance* na produção do programa “Adolescente Saudável — PAS”, da ONG<sup>11</sup> *Plan Internacional Brasil*, gravado com adolescentes denominados de multiplicadores, situados nas regiões periféricas: Capão Redondo e Grajaú em São Paulo-SP.

A Plan Internacional selecionou estes lugares por meio de uma pesquisa<sup>12</sup> de dados, disponibilizado pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados-SEADE. Os dados de pesquisa consideraram os níveis de vulnerabilidade social, dimensões socioeconômicas e demográficas, mortalidade infantil, níveis de escolaridade, estrutura familiar, acesso a bens e serviços públicos e inserção no mercado. Os bairros Grajaú e Capão Redondo obtiveram níveis de vulnerabilidade mais significativos, em razão disso, foram selecionados para o projeto da Plan Internacional Brasil.

Dentre os quatro episódios disponibilizados no canal do *YouTube*, nos interessa para esta pesquisa, o episódio “Gravidez na adolescência”, publicado em 6 de maio de 2019, com 5.954 visualizações, 189 *likes* e 4 *unlikes* até o momento da coleta de dados. Conforme a descrição do vídeo, a *Plan Internacional Brasil* (2019) aponta que houve uma diminuição no número de adolescentes grávidas no Brasil, entretanto, ainda somos o país com a maior taxa de adolescentes grávidas na América Latina<sup>13</sup>

Realizado em várias partes do mundo, o projeto pretende contribuir com a distribuição das informações de causa e consequências da maternidade na adolescência. Para os produtores, existe a necessidade de trocar informações adequadas com a população mais nova nas áreas denominadas como vulneráveis, para evitar Doenças Crônicas Não transmissíveis (DNTs), como doenças respiratórias, cardiovasculares, hipertensão, diabetes e câncer, considerando como fundamental evitar comportamentos ditos como de risco que ocasionam estas DNTs.

A agenda do programa tem duração de três anos, com ações de formação, campanhas comunitárias, comemorações relacionadas à saúde, objetivando empoderar

---

<sup>11</sup> Organização Não Governamental.

<sup>12</sup> Pesquisa de contexto, realizada pela Plan Internacional. Disponível em: <[https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/03/estudo\\_de\\_contexto\\_capao\\_redondo\\_e\\_grajau.pdf](https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/03/estudo_de_contexto_capao_redondo_e_grajau.pdf)>. Acesso em 19/04/2022

<sup>13</sup> Segundo os dados do Governo do Distrito Federal - GDF.

adolescentes e jovens sobre questões relativas à saúde. Questões como qualificar e tornar mais amigáveis os serviços de saúde para adolescentes e jovens; e equidade de gênero, influenciando na criação de políticas públicas para os jovens das comunidades atendidas. A cenografia em D2 é construída de forma linear dos acontecimentos, apresentada por uma adolescente da comunidade do Capão Redondo, em posição de multiplicadora.

Ela visita e entrevista outra adolescente, mãe. Após a entrevista, a adolescente multiplicadora se direciona ao consultório de uma psicóloga, e realiza outra entrevista, abordando questões de saúde na adolescência, e questões de gênero, como a total responsabilização da mulher na maternidade.

No próximo item, problematizamos as relações de sentidos que emergem entre a adolescente-mãe, mídia e sociedade.

### **1.3. A adolescente-mãe precisa da ajuda da mídia e da sociedade?**

Em *História da Sexualidade II*, Foucault (1988) busca rastros que, possivelmente, originaram na necessidade da abstinência sexual. O autor trata da dietética dos prazeres que Diócles e Aristóteles versaram em “O Banquete”, em que a regra era “do menos frequentemente possível” (FOUCAULT, 1988, p.109), na qual se acreditava que os excessos dos prazeres, como as relações sexuais e bebidas alcoólicas ocasionava doenças do excesso. E a não economia de secreções como o catarro, o vômito e o sêmen, visto como abuso dos prazeres acarretava danos ao cérebro, bexiga, rins, pulmão e olhos, pois o excesso de calor neles produzia liquefação, ocasionando em febre, náuseas, urina negra e língua pesada.

A sociedade recomendava que os jovens preservassem suas secreções e se unissem, quanto antes, para uma reprodução familiar mais eficiente. Posteriormente, o dispositivo<sup>14</sup> religioso institucionalizado pela igreja católica, reativou a dieta das secreções, e atualizou os sentidos atribuídos à economia dos prazeres, pela qual o

---

<sup>14</sup> Conceito de Dispositivo segundo Michel Foucault: [...] um conjunto decididamente heterogêneo, o qual abrange discursos, instituições, planejamentos arquiteturais, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, propostas filosóficas, morais, filantrópicas, resumindo. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. [...] entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também poder ser muito diferentes. [...] entendo dispositivo como um tipo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.

indivíduo do excesso era vigiado e denunciado ao dispositivo religioso (FOUCAULT, 1988). Este dispositivo agiu sob a ilusão de preocupação do bem-estar do indivíduo, exercendo processos de subjetivação e disciplinarização do sujeito, por meio do interdiscurso da punição para chegar à salvação divina.

Como o dispositivo religioso, a mídia produz saberes e poderes que permeiam a construção interdiscursiva e a disseminação de outros dispositivos (GREGOLIN, 2003). Por essa (in)tensa rede de símbolos perpassam construções identitárias que envolvem, também, o sujeito adolescente-mãe da nossa pesquisa, uma vez que a mídia, por meio da circulação e regularidades de determinados enunciados, idealiza e simboliza um corpo alvo para a discussão da identidade do sujeito adolescente-mãe, visto que funciona como órgão disciplinar de poder e saber.

Concordamos com Gregolin (2003) quando afirma que a mídia influencia a memória e o arquivo social na construção imagética da sociedade, em nosso caso, do sujeito adolescente-mãe. Segundo a autora, essa construção imagética acontece por meio da espetacularização dos indivíduos. Tal espetacularização se destina, nesta pesquisa pela vontade de saber (FOUCAULT, 1988) sobre o corpo do sujeito adolescente, tomada pela vigília social ao se tornar mãe, materializado pela quantidade de *views* nos documentários analisados.

História e Memória se entrecruzam na descontinuidade temporal, são atravessados pelas irrupções de acontecimentos que direcionam e produzem determinados saberes e poderes (FOUCAULT, 2002). Noções imbricadas pela irrupção da materialidade linguística: enunciado (aquilo que foi dito, imbricando ao não dito), e os dizeres acumulados, que perpetuam o local da formação discursiva.

A mídia, segundo o dicionário Oxford<sup>15</sup>, constitui-se de variados meios de comunicação heterogênea, transmite informações e conteúdos diversos. Está ligada intrinsecamente ao jornalismo, e a comunicação social (em massa) captura os sujeitos conforme a valoração (não) humanitária que o alvo (vítima) sofre. A mídia que constitui nosso cópula parte da plataforma online *Youtube*, que, segundo a definição do Wikipédia<sup>16</sup>, é uma plataforma que compartilha vídeos, subsidiada pelo *Google* desde 2006, permitindo que qualquer um que tenha acesso à *internet*, possa compartilhar e disponibilizar qualquer conteúdo para o outro (dentro do que é permitido pela censura

---

<sup>15</sup> Dicionário Oxford. Link de Acesso em: <https://www.significados.com.br/midia/>. Acesso em 24/07/2022

<sup>16</sup> Wikipédia, definição de Youtube. Link de acesso em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>. Acesso em 24/07/2022.

do site).

A captura dos corpos, compreendidos como periféricos, realizada pela mídia, e consequentemente, pelos documentários coletados para o *cópus* de nossa pesquisa, atende aos interesses político-econômicos, como do capitalismo, e para integrá-los num sistema denominado por Zizek (2014) como violência sistêmica. Concordamos com o autor em seu posicionamento acerca da noção de violência enquanto inerente à globalização, ao capitalismo, ao fundamentalismo e à própria linguagem, ou, qualquer corrente de cunho conservador e integrista que enfatiza a obediência rigorosa e literal. Esta categoria de violência constitui-se, como o triunvirato de violência, composto pelas formas de violência subjetiva, simbólica e objetiva (sistêmica).

Segundo Zizek (2014), a atenção da sociedade está voltada para a violência evidente, que choca e prende a atenção dos espectadores, por exemplo, os atos de crime como assaltos, assassinatos, estupros e pedofilia, que recheiam os noticiários, e dão *ibope* para as emissoras midiáticas. Essa violência é diretamente visível e experimentada enquanto tal. Zizek (2014), a denominou violência subjetiva, sendo a parte mais visível do triunvirato, constituída por irrupções e revoltas de um povo posto como periférico.

Zizek (2014) aponta o funcionamento regular da sociedade como uma ação de consequência invisível, inspirando surtos de violência subjetiva. Ela se torna violência simbólica quando se materializa no campo simbólico da linguagem, é observada nos campos institucionais, como a escola, a religião e a prisão por imposições de sentido, como ameaças verbais e perseguições. A violência objetiva (ou sistêmica) intenta em manter estagnado o modelo de sociedade atual, com uma pseudo urgência de resolução destas violências, chamado pelo autor de sentimento hipócrita de indignação moral.

A estagnação social, como a má distribuição de renda do capital gera desigualdade social, ou seja, os ricos se beneficiam dessa desigualdade para se auto promoverem social e financeiramente por meio da caridade (hipócrita), como por exemplo, a sopa servida àqueles que estão em situação de rua, satisfazendo sua fome e abafando temporariamente a desigualdade fervilhante e não resolvem a questão. A esta violência mascarada, a mais perversa do triunvirato, Zizek (2004) denominou violência sistêmica, que financia e beneficia os mecanismos cultural, político, ideológico e econômico da sociedade conservadora, estagnada.

Somos a sociedade da vigília, nos vigiamos e nos desconfiamos (FOUCAULT, 1984). A mídia, em consonância com outros dispositivos de regulação e coerção, produz

um sujeito: a adolescente-mãe passível de vigia<sup>17</sup>, vulnerável, que sobrevive a violência da sociedade estagnada, e carece da caridade do outro, seduzindo a atenção de seus espectadores, sempre dispostos a assistir à tragédia alheia.

A internet, como um arquivo virtual da memória (re)construída dos símbolos de um povo e de um tempo, nos permite acessar a dados passados esquecidos para os lembrar. Rastreamos os vestígios sócio-históricos dos principais acontecimentos no ano de origem dos documentários, para chegarmos a possíveis condições de produção que condicionaram o nascimento dos documentários D1 “Eu, adolescente mãe” (2008) e D2 “Saúde no Rolê, gravidez na adolescência” (2019).

Em 2007, ano anterior à produção do D1, houve uma onda de investigações mundiais aos crimes virtuais relacionados a pedofilia. Segundo o jornal virtual investigativo da emissora Globo, o G1<sup>18</sup>, a Associação Italiana Telefone Arcobaleno, assistia as crianças vítimas de abuso e lutava contra os crimes de pedofilia. Conforme os dados do G1, a Associação foi autorizada a investigar quarenta e cinco países e provedores de internet, e realizou 42.396 denúncias deste crime. Os países com maior número de denúncias foram Alemanha, com o número de 26.191 ocorrências, Holanda 5.256 ocorrências e os Estados Unidos com 3.611 ocorrências. Segundo o site BBC Brasil<sup>19</sup>, as investigações duraram dez meses, e o líder do grupo de pedófilos foi o britânico Timothy Cox, com 75 mil imagens pornográficas entre crianças e adolescentes, propagando o sentimento hipócrita de indignação moral a esta, como diria Zizek (2014), violência subjetiva.

Assim, aos vinte e cinco dias de novembro 2008, diante da tensão mundial do acontecimento pedofilia virtual, emergiram deste jogo conflituoso discussões de ordem protetiva, como a lei 11.829<sup>20</sup> de prevenção a pedofilia, registrada no Estatuto da Criança e do Adolescente — ECA, sob o governo do ex presidente Luís Inácio Lula da

---

<sup>17</sup> Aprofundamos a produção do sujeito adolescente-mãe pelos dispositivos midiáticos no item 1.3 Mídia e a construção do corpo simbólico do sujeito AM

<sup>18</sup> Link de acesso a notícia: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1025293-6174,00-PEDOFILIA+NA+INTERNET+CRESCER+EM+CINCO+ANOS+DIZ+ESTUDO.html>>. Acesso em 10/11/2021

<sup>19</sup> link de acesso a notícia: <[https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070618\\_pedofilia\\_rederg](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070618_pedofilia_rederg)>. Acesso em 10/11/2021

<sup>20</sup> Link de acesso a lei 11.829: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11829&ano=2008&ato=c75ATRU5UNRpWT3f3>>. Acesso em 11/10/2021

Silva, previsto pelo artigo 240, a proibição da reprodução de quaisquer meios de cenas de sexo explícito com corpos de crianças e adolescentes, com pena de reclusão de quatro a oito anos, multa.

Ricardo Sá aproveitou a comoção social gerada pelas discussões sobre o tema da pedofilia. Em contrapartida aos princípios de moral vigentes à época, produziu um documentário com adolescentes que praticaram sexo e exerceram a maternidade, resultando em 719.112 cliques de acesso da sociedade, desejosa de adentrar ao que está estabelecido como impróprio, proibido, para saber tudo a respeito do que falam as joias indiscretas<sup>21</sup> das personagens em seu documentário.

Em 2018, dez anos após a produção de D1, o partido de cunho conservador de Jair Bolsonaro, junto à mídia — conservadora e integrista — viralizou notícias falsas, chamadas *fake news* para atacar, via contestação moral do governo, o partido de oposição — Partido dos Trabalhadores, em uma disputa de campanha eleitoral. As *fake news* de maior destaque foram as que continham enunciados relacionados a mamadeira em formato de pênis, chamada mamadeira de piroca<sup>22</sup> e a cartilha voltada para crianças em idade escolar, institucionalizada pelo Ministério da Educação e Ciência — MEC ilustrando a figura de dois homens em uma cena de sexo explícito<sup>23</sup>

A veiculação das *fake news* na *Internet* construíram “verdades” e símbolos por meio das repetições, gerando efeitos de sentido de que as crianças da sociedade estagnada estavam em perigo, expostas à promiscuidade do atual governo. O candidato Jair Bolsonaro se apossou dos efeitos desses dizeres, criando a ilusão de ser originário desse dizer para seus eleitores, sob o pretexto de proteger a sociedade estagnada e a manter na ordem discursiva moral e religiosa, ocasionando em sua vitória eleitoral.

Em 2019, sob o pretexto da manutenção dos princípios de ética e moral na ordem religiosa e militar, o governo lançou a campanha nacional de prevenção a

---

<sup>21</sup> Foucault (1988) denomina os órgãos que ficam por debaixo das vestes das mulheres por joias indiscretas, baseado no conto em que um rei, através de seu anel mágico, concede poderes mágicos as vulvas para contarem suas histórias a ele.

<sup>22</sup> Link de Acesso à notícia: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/10/20/verificamos-haddad-mamadeira-penis/>> Acesso em 12/10/21

<sup>23</sup> Link de Acesso à notícia: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/09/25/e-fake-que-ilustracao-de-ato-sexual-foi-usada-em-cartilha-do-mec-para-criancas.ghtml>> Acesso em 12/10/21

gravidez na adolescência<sup>24</sup>, com a *hashtag* “#tudo tem seu tempo”, objetivando silenciar as joias indiscretas (FOUCAULT, 1977) que tanto falam os adolescentes. A campanha gerou resultados em efeitos de sentidos outros que promoveram como aconselhamento, a abstinência sexual aos adolescentes e geraram uma gama de discussões sobre o assunto. Emerge, nesse cenário, a produção do documentário D2 da *Plan Internacional*, com enunciados que prometem a seus espectadores, a proposta de desconstruir e empoderar o jovem adolescente vulnerável da periferia.

Em nosso gesto interpretativo, observamos haver um processo de vitimização do sujeito adolescente-mãe em ambos os documentários. Em D2, embora anuncie que não o está colocando como tal, a constrói como pobre, desorientada, localizada nas zonas vulneráveis, favelada dos bairros Grajaú e Capão Redondo. O mesmo acontece em D1, em que o autor realiza a produção do documentário e busca suas protagonistas nas favelas de Vitória –ES. Há, nos vídeos, certa dose de preconceito racial, é como se apenas as adolescentes negras, de cabelos cacheados, periféricas, que se tornassem mães solteiras.

Há uma elitização no silenciamento do mesmo acontecimento com as jovens brancas, periféricas ou não, mães adolescentes. Conforme observaremos no item a seguir, que trata a respeito dos processos de constituição de (i)maturidade psico e biológicos e como o dispositivo da saúde concebe as adolescentes-mães.

#### 1.4 “É mais do que brincar de boneca, né?”<sup>25</sup>

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA (BRASIL, 2019), a adolescência se estabelece entre os doze aos dezoito anos. É (ou deveria ser), assegurado pelo Estado todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, “sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei” (BRASIL, 2019, p. 15). Assim, é dever do Estado assegurar “todas as oportunidades e facilidades, de modo a lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade” (BRASIL, 2019, p. 15).

---

<sup>24</sup>Link de Acesso:< <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/02/01/fala-adolescente/>>. Acessado em 12/10/21.

<sup>25</sup> Trecho retirado da transcrição da fala da adolescente-mãe 2, no Documentário n1. Disponível no Anexo A: Transcrição da fala dos sujeitos que compõem o documentário.

Conforme a Agência do Distrito de Brasília<sup>26</sup>, em 2020, entre mil adolescentes de idade de quinze a dezenove anos, cinquenta e três se tornam mães. Dados que colocam o Brasil acima da média mundial de quarenta e uma adolescentes que se tornam mães, constatado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA).

Almeida, Trindade, Gomes e Nielsen (2003) na pesquisa: “A maternidade na adolescência: um desafio a ser enfrentado” traçam o percurso histórico social do fenômeno da maternidade na adolescência. A pesquisa aponta que, no final da década de 1940, tal fenômeno passou a ser definido como um problema de saúde pública e tornou-se objeto de interesse generalizado na área de saúde. Os fatores que contribuíram foram: o aumento na população de adolescentes após a Segunda Guerra Mundial; a participação dos jovens no movimento de transformação dos padrões de comportamento sexual prevalentes no Ocidente; a aderência gradativa de mulheres aos componentes tecnológicos capazes de assegurar o exercício da sexualidade na independência das áreas da maternidade e a participação de jovens nas lutas feministas.

Segundo os autores, tais fatores contribuíram para uma maior visibilidade das questões ligadas à maternidade na adolescência, ocasionando em uma produção literária significativa a respeito do tema. Entretanto, as produções eram direcionadas às questões biológicas, restringindo a discussão aos riscos médicos relacionados à gravidez na adolescência, atrelando sentidos de enfermidade, doença e epidemia a esse fenômeno, levando a sociedade a elaborar estratégias de coibição, definindo que tal moléstia é aceitável ao preencher condições como: “ter uma origem não deliberada, os indivíduos atingidos devem querer se livrar dela e o indivíduo acometido deve procurar ajuda competente” (ALMEIDA; TRINDADE; GOMES; NIELSEN, 2003, p. 519).

No que concerne aos aspectos psicossociais, a adolescente-mãe enfrenta riscos sociais, como a exclusão de sua educação, fadada à pobreza, com perspectivas econômicas limitadas e com pouco apoio social (ALMEIDA; TRINDADE; GOMES; NIELSEN, 2003). O atendimento psicossocial à adolescente- mãe deu início a partir de 1960, visando seus valores culturais, sociais e educacionais. A partir daí, nota-se que a visão da gravidez na adolescência apresenta uma alternância de sentidos e significações conforme o momento histórico e social. Logo, em dado momento, como o registrado pelo trabalho universal à todas as idades, o fenômeno é tido como aceitável, natural e

---

<sup>26</sup>Link disponível em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/02/01/fala-adolescente/>> Acesso em: 17/10/21.

em outro contexto, como a invenção da adolescência, passível de proteção do Estado, como inaceitável, inscrevendo a adolescente- mãe na fronteira entre a adolescência e a maturidade, nem criança, nem mulher.

Moreira (2011), pautada na psicanálise freudiana<sup>27</sup>, reflete a respeito do desenvolvimento e crescimento humano, da concepção à puberdade, e defende que a fase da adolescência é a quarta fase, é o final do crescimento, que se encerra, ao contrário do que a lei do Estado prevê, aos vinte anos. Logo, a fase adulta se inicia a partir dos vinte e um anos, compreendida pela autora como a “fase da maturidade”. É na fase da adolescência que a puberdade eclode, os órgãos genitais maturam, o prazer e o desejo sexual manifesta-se o período de crise, em que o sujeito enfrenta modificações físicas e comportamentais. Os relacionamentos afetivos, como o “ficar” e o “namorar” surgem e significam um caminho seguro para o “desenvolvimento afetivo e aquisição de autonomia psíquica. Da infância à adolescência, o indivíduo amplia as suas habilidades por intermédio de progressos físicos e mentais que levam à maturidade” (MOREIRA, 2011, p.121).

Logo, o sujeito de idade inferior a vinte anos não alcançou a denominada fase da maturidade. O indivíduo de idade entre doze a dezenove anos se inscreve na quarta fase do desenvolvimento psíquico, a adolescência. Seu desejo sexual é aflorado, entretanto, ainda necessita dos progressos físicos e mentais para inscrevê-lo na ordem discursiva da maturidade. Ao exercer a maternidade na fase da adolescência, o sujeito de idade inferior a dezoito anos se inscreve nos regimes legislativos em que cabe ao Estado assegurar sua cidadania e cuidados à saúde, pois sua condição biológica, tratada como maternidade precoce, a insere no grupo de risco à sua saúde e a de seu bebê.

Observamos no próximo item em 1.5 O processo de substancialização do ser adolescente-mãe por meio dos dispositivos midiáticos, visando problematizar como se constitui a imagem representativa do sujeito adolescente-mãe pelos dispositivos midiáticos.

---

<sup>27</sup> Para a constituição de nossa discussão sobre o desenvolvimento do adolescente, se faz importante expor este ponto de vista no trabalho, entretanto não aprofundaremos sobre neste momento, porque não é nosso objetivo.

### 1.5 O processo de substancialização de ser adolescente-mãe por meio dos dispositivos midiáticos

A mídia, como um dispositivo de poder, coage e regula os sentidos que constituem e produzem o sujeito, como também regulam as “verdades” que circundam a seu respeito (FOUCAULT, 2002). É por meio das regularidades, da dispersão de sentidos propagados pela mídia, que ela constitui seus efeitos de “verdade”. Problematizamos, neste item, as dispersões de sentido direcionadas a constituição do símbolo do sujeito adolescente-mãe nos documentários que constituem nosso corpus, como também o *slogan* da campanha do Ministério da Saúde em 2019 a respeito da prevenção da gravidez, a partir de três Capturas de tela, constituído nas Figura 1, Figura 2 e Figura 3.

A Figura 1 apresenta uma captura de tela com duas mulheres e um bebê em D1 “Eu, adolescente grávida” de Ricardo Sá (2008). Selecionamos este recorte para representar, de maneira geral, todos os sujeitos adolescentes-mães participantes, que se assemelham na cor de pele negra, cabelos cacheados e/ou crespos, segundo a descrição de SÁ (2008) moradoras em uma região periférica de Vitória no Espírito Santo. Vejamos a seguir:

**FIGURA 1** - Adolescente-mãe no Documentário 01



Fonte: Eu, Adolescente grávida, 2008.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Captura de tela retirada do documentário 01. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=4HF1HQhkP\\_M](https://www.youtube.com/watch?v=4HF1HQhkP_M)>, Acesso em 20/10/21.

A Figura 1 refere-se ao *slogan* da Campanha de prevenção a Gravidez na Adolescência, criada pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, em 2019, pelo atual governo do presidente Jair Bolsonaro. Notamos que há duas figuras no slogan, uma menina e um menino. Entretanto, encontramos a menina em foco, enquanto o menino está desfocado, dispersando sentidos de que a campanha se destina a quem está em foco: a menina. Observemos os traços que a constituem: pele negra e cabelos cacheados e/ ou crespos.

**FIGURA 2** – Slogan Campanha M.S de prevenção a gravidez na adolescência



FONTE: Site Câmara dos Deputados, 2020<sup>29</sup>

A Figura 2 apresenta uma captura de tela com uma adolescente-mãe e uma criança em D2: “Saúde no Rolê: gravidez na adolescência” da ONG *Plan Internacional*

<sup>29</sup> Captura de tela retirada do site da Câmara dos Deputados. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/699448-projeto-transfere-para-setembro-para-setembro-semana-nacional-de-prevencao-a-gravidez-na-adolescencia>> Acesso em 20/10/21.

(2019). Observemos a cor de sua pele: parda, cabelos cacheados e /ou crespos, e sua morada situa-se entre os bairros Grajaú e Capão Redondo, descritos como áreas vulneráveis pela SEADE<sup>30</sup>.

**FIGURA 3** – Adolescente-mãe no Documentário 02



Fonte: Saúde no Rolê: Gravidez na Adolescência, 2019<sup>31</sup>

Constatamos uma regularidade nos traços físicos que constituem os sujeitos adolescentes retratados nas Figuras 01,02 E 03: de pele negra e /ou parda, cabelos crespos e /ou cacheados e residentes em bairros periféricos (conforme as figuras 03 e 05).

<sup>30</sup> Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados-SEADE

<sup>31</sup> Captura de tela retirada do documentário 02. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lpRuk96GF6Y&t=1s>> Acesso em 20/10/21.

A mídia, seja na produção artística, como os documentários, ou na produção governamental, no que concerne a campanha de prevenção a gravidez na adolescência, produz a figura do sujeito adolescente-mãe em um processo discutido por Butler (2017) a respeito da metafísica da substância, também chamando processo de substancialização, em que, por meio das repetições, das dispersões de efeitos de sentido, regulados por uma lógica — constituída pela vontade de verdade regida pelo poder (FOUCAULT, 2002), exercem processos de subjetivação nos comportamentos sociais.

O efeito substantivo<sup>32</sup> cria a ilusão da identidade (BUTLER, 2017) de como é ser sujeito adolescente-mãe. Essa ilusão faz com que, ao imaginarmos a substância do ser adolescente-mãe, o materializamos representado pela imagem do corpo negro, periférico. A ideia da imagem da gravidez na adolescência busca sua representação nas zonas periféricas, não que exista em outros lugares, mas o foco da ideia-imagem (BORDIEU, 2008) da adolescente-mãe que chega pelos dispositivos, é, em sua maioria, a garota negra, pobre, residente nas periferias.

A imagem é a via de expressão dos símbolos (BORDIEU, 2008), o símbolo é a representação concreta de uma ideia abstrata. Dessa forma, a sociedade, por meio dos dispositivos de saber e poder, como a mídia, e os órgãos governamentais concernentes a saúde e o direito, constituem o símbolo da adolescente-mãe, dentro de uma liberdade ilusoriamente absoluta, “normatizando condutas e pautando perfis adequados ao sistema” (BORDIEU, 2008, p. 250). Dessa forma, naturalizamos a gravidez na adolescência nas periferias, e o sujeito negro periférico passa a performar essa essência, estabelecida pela violência (in)visível. Interpretamos que o ato performático de ser adolescente-mãe é criado na liberdade ilusória de que este caminho foi trilhado por si próprio.

Assim, a mídia e os órgãos governamentais, como as instituições da saúde, legislativo e pedagógico, em curso ao pretexto de proteção e bem-estar social, inscrevem o sujeito adolescente-mãe nas campanhas de prevenção a gravidez, criam legislações que intentam proteger a adolescente para que ela não se torne mãe, recorrem à arte, criando documentários que exibam “verdades” substanciais a respeito do ser adolescente-mãe. Entretanto, as mesmas instituições que protegem, em simultâneo, propiciam, por meio das regularidades enunciativas, a perpetuação da

---

<sup>32</sup> A teoria da metafísica da substância e performatividade de Judith Butler (2017) foi explanada no item 2.3 “Se alguém é uma adolescente –mãe, isso certamente não é tudo o que esse alguém é”

imagem do sujeito adolescente-mãe. No capítulo a seguir, traçamos nossas bases teóricas adotadas para constituir as problematizações sobre o sujeito adolescente-mãe nos documentários.

## **CAPÍTULO 2: SOBRE AS BASES TEÓRICAS: DISCURSO, ESQUECIMENTO E PODER.**

Nesta seção, desenvolvemos um percurso teórico basilar para o desdobramento do processo analítico pelo analista e para que o leitor possa melhor compreender este percurso e também lançar seu olhar (des)confiado ao objeto analisado. Nas subseções “2.1 Dos processos discursivos: memória e esquecimento”, “2.2 Sujeito e suas múltiplas identificações: fios que constroem uma rede de subjetividade”, “2.3 Se alguém é uma adolescente-mãe, isso certamente não é tudo o que esse alguém é”, e , “2.4 Estruturação do gesto analítico”, discutimos as noções, primeiramente, de discurso, língua(gem), sentido, interdiscurso, memória e arquivo; em seguida, de formação discursiva, subjetividade, identificação e identidade; desenvolvemos a discussão de corpo, gênero, metafísica da substância e performatividade e, por fim, explanamos sobre a arqueologia como estruturação para o gesto analítico e metodologia.

Essas noções são subsidiadas, sobretudo, pelas linguistas Orlandi (1988, 1996, 1999, 2007) e Coracini (2007, 2015), pelo historiador Foucault (1987, 1988, 2002, 2015); pelo psicanalista Lacan (1998, 2003), e pela filósofa Judith Butler (2017).

### **2.1 Dos processos discursivos: memória e esquecimento**

Uma vez que analisamos a produção de discursos e sentidos, concebemos a língua(gem) como condição de possibilidade do discurso, sendo por ela que se constroem os processos discursivos. Segundo Orlandi (2007), o discurso é construído por meio da determinação da língua(gem) pela história e produzido a partir de práticas sociais manifestadas por sua forma material. A univocidade escapa à língua(gem), há sempre equívoco, é processo de constituição e produção de sentidos e possibilita a compreensão dos sujeitos, suas representações e subjetividades (BRANDÃO, 2012).

Inscrevemo-nos na língua(gem) para examinar o processo discursivo como interpretação que (trans)forma os efeitos de sentido, produzindo outros sentidos. Deste modo, o sentido não tem definição única, está sempre à margem, não é a essência das palavras, é determinado historicamente de diferentes formas (ORLANDI, 1988). Os sentidos emergem da luta entre as relações de força entre o saber e o poder, que resultam no sujeito, como efeito de sentido (FOUCAULT, 1988). Os efeitos de sentido são transformados de acordo com sua relação com os sujeitos, o lugar e a época. Em

outras palavras, o discurso é o(s) efeito(s) de sentido entre interlocutores.

Os discursos constituem os sujeitos e seu processo de subjetividade, sendo o sujeito uma ilusão que pode ocupar diferentes posições (LAGAZZI, 1988). O histórico e o social afetam a constituição do sujeito, que está sempre em construção por meio de fios discursivos já ditos.

Os documentários analisados são emaranhados de discursos, possuem um jogo de muitas vozes que produzem sentidos atrelados a outros dizeres, uma vez não concebemos a memória e o esquecimento como uma relação dicotômica, em oposições binárias, mas como coletiva, pois esquecer também é lembrar. É pelo esquecimento que se manifesta a língua, a história e a memória, como dissemos, os (não)dizeres são afetados por outros fios discursivos.

Pautamo-nos na discussão de Deleuze (2011) em que a memória não (re)produz a “verdade” segundo o ponto de vista pascalino (DELEUZE, 2011), pois, não desejamos e expressamos nossos pensamentos sozinhos, segundo o autor, desejamos em conjunto. Deste modo, as formas do pensamento se realizam na duplicidade, na incompletude, e na fragmentação (entre o eu e o(s) outro(s)) (DELEUZE, 2011), resultando em múltiplas formulações de expressão do pensamento, e nenhuma delas nos leva ao original (DERRIDA, 1995).

Como consequência, questionamos a tradição e hierarquia por intermédio do desejo de esquecimento, na relação entre arquivo e arquivante (DERRIDA, 1995), resultantes dos influxos do inconsciente sobre o eu. Há a necessidade de esquecer para arquivar na memória (DELEUZE, 2011) os novos sentidos que surgem a partir da destituição dos sentidos tradicionais.

Para Authier-Revuz (1998), é o esquecimento que produz a impressão da realidade do pensamento, impressão de que o que dissemos só pode ser assim. Ilusão que nos faz pensar uma relação termo a termo entre pensamento/linguagem/mundo, sem equívoco, sem falhas, sem espaços de indistinção.

É pelo fato de que algo fala antes que o sujeito não é dono do seu dizer, é perpassado pelo pré-construído, o já-dito, lugar do jogo entre interdiscurso e intradiscurso (ORLANDI, 1996). Este se caracteriza pela operação do discurso sobre si próprio por meio do pré-construído e da articulação entre sujeito e discurso. Sobre o interdiscurso, Orlandi (1999, p. 31) afirma que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. Interdiscurso é toda palavra que por se produzir no ‘meio’ do já dito dos outros discursos, é habitada pelo

discurso outro” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 22)

Consideramos que os dizeres analisados integram um percurso de interdiscursos pelo qual podemos discutir os trajetos da construção discursiva, analisar filiações históricas e articular os já-ditos ao momento da enunciação (ORLANDI, 1999). O interdiscurso atua como memória discursiva, lugar de cruzamento entre língua e história, compreende a situação sócio-histórica de produção do discurso. A memória está aberta “[...] à repetição, à transformação, à reativação” (FOUCAULT, 2002, p. 32), ativando o denominado pelo autor como arquivo.

Segundo Foucault (2002, p. 146), o arquivo “faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento”. Pela memória, ativa-se o arquivo e gera a produção, reprodução e distribuição dos sentidos a partir do denominado dispositivo.

Conforme Foucault (2015), o dispositivo é um conjunto heterogêneo que armazena discursos, instituições, decisões regulamentares, medidas legislativas e administrativas, enunciados científicos, filosóficos, morais e filantrópicos, aquilo que foi dito e também o não dito. O dispositivo tem caráter estratégico, se estabelece por meio de formações necessárias para responder a uma urgência, num determinado momento.

Dessa forma, a memória discursiva opera por meio do sistema de arquivo (FOUCAULT, 1977), sendo a lei daquilo que se pode ser dito, e rege o aparecimento dos enunciados como singulares. Por conseguinte, as coisas ditas não se acumulam em uma massa amorfa, agrupam-se um ao outro para seguirem relações múltiplas e/ou regularidades específicas. O arquivo não protege o acontecimento do enunciado, mas define o modo de atualidade enunciado-coisa, o que se torna um sistema geral da formação e da produção dos enunciados, do funcionamento destes. Permite-se, assim, a produção e a multiplicidade de enunciados que podem surgir a partir dele.

Existem determinados comportamentos que regulam e ocasionam repetições, produzindo dispositivos de “verdade” relacionados às formações discursivas referentes a gravidez na adolescência. As disciplinas dominantes, que controlam os sentidos e as práticas sociais sobre o que é ser mulher, menina, mãe, manipulam a história e condicionam produções de sentido que estabelecem relações de saber e poder que regulam o espaço e contribuem para a fabricação da identidade do sujeito, no caso desta pesquisa, nos interessa os meios e os modos de fabricação e os processos de subjetivação do sujeito adolescente-mãe na sociedade brasileira.

O outro, assim como a sociedade, constrói não apenas regimes de verdade que coagem as relações de saber e poder. O outro constitui e atravessa o processo identitário do sujeito adolescente-mãe, exercendo seus dispositivos de poder constitutivo na e pela linguagem, pelo desejo na e pela falta, entretanto, por sua condição de fluidez, torna-se não estável, sua condição empírica somente se sustenta na imagem da carne e o osso (MAGALHÃES; KOGAWA, 2019). A partir dessas considerações sobre o foco desta pesquisa, traçamos, a seguir, as bases teóricas para entender a constituição do sujeito e da identidade.

## **2.2 Sujeito e suas múltiplas identificações: fios que constroem uma rede de subjetividade**

Em “Arqueologia do saber” (2002), Foucault descreve o discurso como práticas provenientes dos saberes, suas formações e suas relações com práticas sociais. Uma maneira diferente de interpretar os jogos de saberes se faz necessário para que a hegemonia dos discursos totalitários seja rachada. Quando fala de sujeito, Foucault (2002) nos localiza na compreensão de sujeito como uma construção discursiva marcada pela heterogeneidade e pela não estabilidade das formações discursivas distintas entre si que perpassam seu discurso.

Concebemos Formação Discursiva como um conjunto de enunciados interligados por especificidades de modo a direcionar o dizer ao que pode e não pode ser dito (FOUCAULT, 2002). É a demarcação da FD que permite denunciar as especificidades do enunciado. A partir dela, é possível descrever sistemas de dispersão e definir regularidades entre objetos, conceitos e temas.

De acordo com Foucault (2002, p. 43), os elementos — “objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas” — são submetidos às regras de formação para a existência de uma FD em dada repartição discursiva. A FD é, enfim, o meio (mecanismo) pelo qual se pode ou não, dizer algo. O que rege, orienta e organiza os enunciados que constituem uma FD, segundo Foucault (2002), é o arquivo, o que se é permitido dizer em um sistema de discursividades.

Dessa maneira, “um único e mesmo indivíduo pode ocupar em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos” (FOUCAULT, 2012, p. 196). Neste tocante e numa tentativa de compreensão da noção de sujeito, Haroche (1992) explica haver um governo pela individualização por meio da coerção do

sujeito pelo poder e o Estado, classificando-o em categorias inseridas na construção da identidade. Dessa forma, o individualismo (para resistência) é distinguido do mecanismo coercitivo de individualização (imposto pelo Estado). Como efeito da individualização, desenvolve-se determinados traços ou comportamentos psicológicos, conduzidos por mecanismos individualizantes desenvolvidos na língua, na gramática e na psicologia.

A subjetividade do sujeito é disciplinarizada e normalizada pelo viés da transparência, a condição de clareza para gerar um ideal de completude, acontecendo na gramática e suas coerções. A Gramática, por meio de seu formalismo, rejeita a ambiguidade, exige clareza, transparência e legibilidade, coagindo o homem a um assujeitamento paradoxal, em que, para alcançar sua salvação pessoal, o sujeito deve ser e ter uma identidade homogênea e transparente.

As práticas discursivas cânones, como a jurídica e a religiosa, disciplinarizam passiva e discretamente o sujeito por meio dos mecanismos de normalização. Práticas que exigem pureza na língua e integram o funcionamento ideológico mais amplo que concerne a relação do sujeito com a língua e o saber, transparecendo nos funcionamentos discursivos da sociedade. Entretanto, a luta contra a ambiguidade (não transparência) representa as duas faces do mesmo problema: ou ela serve a um poder, ou opõe-se às exigências do poder.

Haroche (1992) aponta as mudanças relativas à constituição e individualização do sujeito, assim como os sentidos desta palavra e dos eventos extralinguísticos que atravessam sua compreensão, e sua amplitude de (in)definições, rompendo com a idealização do sujeito enquanto indivíduo posta pela modernidade. A concepção de emancipação do sujeito e sua suposta “liberdade” bebe na fonte do modelo de racionalização derivado das ciências empíricas e matemáticas.

Pela perspectiva discursiva, falamos do sujeito enquanto posição, produzida por meio de diferentes discursos, é afetado pelas situações histórico-sociais. O sujeito é efeito dos discursos e da produção de saberes e poderes, constantemente está em (trans)formação (CORACINI, 2007). Por ser, o sujeito, produção do discurso, a identidade é formada e transformada pelas delimitações dos discursos circundantes. A identidade não é fixa, é ilusória, mas necessária para a formação do imaginário, envolve negociações de sentidos. Só existe identidade quando há representações integrantes do imaginário dos sujeitos, visto que falam de si e do outro construindo enunciados que envolvem, por exemplo, culturas, gêneros e etnias (CORACINI, 2007).

Pelo sujeito, atravessam saberes, verdades e símbolos que constituem sua subjetividade por meio da língua(gem). Manifestados pelas materialidades, é possível observar os efeitos de sentidos que perturbam e resultam no processo por meio do qual se constituem as identificações dos sujeitos. Por conseguinte, a identidade não é natural, é naturalizada por processos inconscientes sempre em (tras)formação.

Construída pelo imaginário social, a identidade é problematizada via discurso de si e do outro, pelo qual perpassam momentos de identificação que possibilitam “a ilusão da permanência de uma certa identidade” (CORACINI, 2007, p. 23). O processo de instauração do sujeito é denominado por Lacan (2003), a partir dos estudos freudianos, como identificação. Ela (a identificação) acontece via traço, via significante como traço distintivo, um traço do Outro, de discursos outros, considerando o sujeito como efeito da linguagem. Logo, concordamos com Coracini (2007) ao afirmar que o sujeito se constrói por múltiplas identificações que, como fios, se entrelaçam a fim de construir uma rede de subjetividade.

As materialidades linguísticas estão, então, repletas de representações identitárias. Estas se constroem pela historicidade, mobilização de diferentes discursos circundantes entre o passado e o presente e a ordem simbólica de dada cultura enquanto disposição discursiva que regula a produção social de sentidos (ORLANDI, 1999).

As representações “– de si e do outro de si — se constroem, sempre e inevitavelmente a partir do outro, que vê, julga, define, afirma características que podem evidentemente, mudar com o tempo, mas que podem também deixar marcas” (CORACINI, 2015, p. 141). Podemos reconhecer o sujeito como honesto ou desonesto, por exemplo, porque se tem imagens do outro por meio da qual se cria rótulos, as representações seguem do registro simbólico e se fixam no sujeito (CORACINI, 2015).

Representação é construção, “onde há discurso, as representações se expõem, as coisas se reúnem e se articulam” (FOUCAULT, 1987, p. 327). Ao interpretarmos os discursos e representações, podemos interpretar as construções identitárias.

As imagens representativas construídas discursivamente obedecem a um simulacro da realidade (PESAVENTO, 1999), pois é necessária uma verossimilhança com o mundo vivido, para que se passem por críveis, dessa forma obtém a (não) aceitação social (PESAVENTO, 1999). É por meio das repetições das imagens e dos sentidos, que se constitui o símbolo (BORDIEU, 2008), este se expressa para além da representação explícita (PESAVENTO, 1999), pois reporta a um significado ou uma ideia através de outra.

Das imagens construídas por meio da relação com o outro advêm às representações de si e do outro que moldam comportamentos e criam a ilusão de completude (LACAN, 1998). Segundo Coracini (2007), este processo de olhar para si pelo olhar do outro é denominado ilusão de identidade.

A “identidade”, assim como a noção de “pertencimento”, segundo Bauman (2005, p.17) não são insolidificáveis, são líquidas, irrevogáveis, negociáveis e componentes dos caminhos identificatórios e pertencíveis ao indivíduo. Para o autor, a globalização e a flexibilização da internet impulsionaram sua liquidez, por meio da crise do multiculturalismo, propiciando o acesso e a transitoriedade das identidades disponibilizadas na internet, prontas para serem usadas e renovadas (BAUMAN, 2008, p. 11). Partindo dessas noções, rastreamos os processos que constituem a liquidez e dos eus e outros que pertencem à identidade do sujeito adolescente-mãe, que constituem nosso corpus de pesquisa.

Os documentários “Saúde no Rolê: Gravidez na Adolescência” e “Eu, Adolescente Grávida”, enquanto materialidades que envolvem a língua oral e imagens se constroem como instrumentos que mobilizam representações identitárias da adolescente-mãe. Os documentários são trabalhos cinematográficos que buscam resgatar memórias e processos sócio-identitários a partir de investigações sobre a história e a sociedade atual via construção de narrativas sobre e das adolescentes mães.

Estes documentários são reflexos das delimitações culturais e linguísticas da sociedade estagnada, conservadora, masculinista e falocêntrica, que constroem um corpo feminino passivo, um mero instrumento limitado às significações delimitadas à ele. O corpo do sujeito adolescente-mãe é construído a partir das significações que o poder hegemônico regula para seu sexo e gênero. O primeiro olhar inteligível direcionado ao sujeito adolescente-mãe parte de seu sexo, desejo sexual, e gênero, a pessoa não existe, não se substantiva antes de se definir por essa tríade. Para a filósofa, “não há um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais, conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. [...] será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo” (BUTLER, 2017, p. 29). Não há como presumir o corpo primeiro ante a construção cultural a ele destinada.

Diante do exposto, é possível interpretar que os documentários convidam os sujeitos personagens a performar (BUTLER, 2017) para o espectador a en(ser)nação<sup>33</sup> da essência do que é ser mãe e adolescente (BUTLER, 2017), materializando o símbolo adolescente-mãe, constituído e determinado substancialmente (BUTLER, 2017) pelo imaginário social. Essa essência, construída por e para nós, intenta em constituir um corpo vigiado, docilizado, disciplinarizado pelos mecanismos de poder e saber (FOUCAULT, 1984).

### **2.3 Se alguém é uma adolescente-mãe, isso certamente não é tudo o que esse alguém é<sup>34</sup>.**

Traçamos um percurso para que o leitor possa chegar ao entendimento de performatividade, passando pelas noções de representação, identidade, gênero, heterossexualidade compulsória, metafísica da substância para chegarmos na discussão a respeito de performance.

A identidade de gênero/sexo, construída discursivamente nas práticas reguladoras, antecipa e coage suas configurações de constituição, condicionadas sob a lógica binária e universal do poder hegemônico, e introduzida pela linguagem, perpetua a “descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos” (BUTLER, 2017. p.26). A inteligibilidade do conceito de gênero se dá a partir da manutenção das relações de coerência instituídas entre prática sexual, sexo, desejo e gênero. As pessoas compreendem-se inteligíveis ao adquirirem seu gênero de acordo com as normas reconhecíveis, socialmente e culturalmente instituídas, (incoerentes e descontínuas), de “inteligibilidade do gênero” (BUTLER, 2017. p 43), asseguradas pelo que é estabelecido a partir do sexo, sexualidade, e gênero.

Na teoria feminista, diz-se que o gênero é construído culturalmente, entretanto, não há modos e ou mecanismos que explicitem como e onde ocorre tal construção, tampouco afirmar sobre algo anterior a este conceito. A cultura designa gênero a partir de um conjunto de normas, cuja explicação se pauta na fixidez biológica. Entretanto, é a

---

<sup>33</sup> Fizemos um jogo de palavras com os conceitos que envolvem a relação contraditória entre “ser” substancia, e “encenação” performática, ambos discutidos por Judith Butler (2017), que refuta a substancialização do ser, como o que é ser adolescente-mãe, o que é ser mulher, e adota o conceito de encenação performática, ou performance, em que o sujeito performa os atos, as cenas de estar adolescente-mãe, estar mulher, dentro de suas instabilidades.

<sup>34</sup> Título parafraseado do enunciado de Judith Butler (2017. p. 21)

cultura quem determina o destino dos significados relacionados a esse conceito, inscrito em “corpos anatomicamente diferenciados, [...] passivos de uma lei cultural inexorável” (BUTLER, 2017.p. 28). Para a filósofa, a discussão sobre este conceito, é posterior as discussões científicas e filosóficas sobre e como conceituar o que é pessoa, identidade, para assim chegar a discussão a respeito de identidade de gênero.

As discussões anteriores não chegaram a um denominador comum, assim como a problematização da identidade de gênero, pois conceituar gênero trata-se de uma complexidade em que sua totalidade é protelada permanentemente, em nenhuma conjuntura considerada plenamente exibida. Uma aliança política aberta que obedecesse as propostas em curso, alternativamente instituiria e abandonaria as identidades, pois se trataria de uma assembleia que “permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor.”(BUTLER, 2017.p.42).

Todavia, existem as pessoas que se parecem com aquilo em que está designado para si, dentro das normas estabelecidas como coerentes, que regulam o que é como devem ser as identidades, sob modalidades específicas, como as de classe, etnia, sexo, raça e região, entretanto, parecer não é ser. Logo, o sujeito se inscreve na desconformidade normativa, cujo gênero é “incoerente ou descontínuo” (BUTLER, 2017. p.43). Essas pessoas, inscritas na fronteira entre a coerência e a incoerência normativa de gênero; excluídas da oposição heterossexual binária - que discrimina e assimetria o feminino e o masculino (macho e fêmea)- tornam-se inteligíveis ante as práticas reguladoras. A essa inteligibilidade de identidade de gênero, por não se conformarem às normas pela direção do sexo, gênero, desejo e prática sexual – a heteronormatividade compulsória-, foram denominadas de pessoas que obtiveram falhas em seu desenvolvimento, e suas identidades ignoradas por seu produtor; o poder hegemônico.

A autora cita a observação realizada por Foucault (1988), em que os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos, por meio da regulação de suas vidas, por meio da proibição, limitação, e das práticas de exclusão, que, em sequência, passam a representar de acordo com as exigências estabelecidas pelo sistema jurídico.

A teoria feminista intenta em incluir as mulheres em um sistema que propaga valores velados de preocupação e representação, e revelados pela exclusão, colidindo e contrariando os interesses e objetivos entre a teoria feminista e o poder judiciário, O objetivo da discussão de Butler (2017) não é recusar as estruturas políticas, jurídicas e linguísticas que constituem as representações, pois não há como fazê-lo. São elas quem

constituem o “campo contemporâneo do poder” (BUTLER, 2017. p.23). A autora objetiva constituir uma genealogia crítica feminista, como política representacional, no interior das práticas e categorias que legitimam, naturalizam, engendram e (i)mobilizam as representações de gênero e identidade, mais precisamente, questionar e problematizar a noção de “mulheres” como sujeito do feminismo”(BUTLER, 2017. p. 25).

A noção de mulher como identidade, é vista pela sociedade pela ótica cartesiana, na qual as noções são designadas, pela língua(gem), conforme o sexo biológico do ser humano, ou quantificação do que é considerado feminino e masculino em um corpo. não abrange a todas, a não ser que a ela seja atrelado nenhum sujeito e/ou sentido.

A mulher, como sujeito não uno, na discussão de Butler (2017) é o ponto de partida para a problematização da metafísica da substância. Inspirada em Nietzsche, a filósofa aponta que as estruturas do poder hegemônico, cultural e econômico são estruturadas linguisticamente pelo discurso masculinista e falocêntrico, ou seja, são voltados para um, e excluem o outro (não uno): o sexo feminino. Para algumas autoras feministas, como Simone Beauvoir, o sexo/gênero feminino se constitui como um ponto ausente linguístico, uma falta, dentro dessas estruturas. A metafísica da substância é construída a partir das práticas discursivas da linguagem, mais precisamente na gramática. É ela quem substantiva e adjetiva o sujeito a partir do sexo, desejo, prática sexual e conseqüentemente, o gênero; identificados como heterossexualidade compulsória e a identidade como efeito destas práticas discursivas.

Nessa relação, o sujeito é visto como substância, em uma ontologia do ser. Ser mulher, ser adolescente e ser mãe, designam substantivações e adjetivações à identidade de ser; como substância permanente, “metafisicamente idêntico a si mesmo” (BUTLER, 2017.p.46) sua regulação segue os sentidos coerentes à sociedade (estagnada e conservadora) cujas práticas discursivas estabelecidas são predominantemente falocêntricas e masculinistas.

A gramática e os efeitos substantivos que constroem o que é/ser a identidade de gênero, são regidas pela ordem do sexo, atraído por sua oposição sexual binária, em outras palavras, o sexos, segundo as práticas reguladoras, só podem se atrair e se relacionar pelo sexo heterogêneo, entre o masculino e o feminino, entre o homem e a mulher. A filósofa denominou essa prática, hegemônica e impositiva, de heterossexualidade compulsória.

A pessoa “ser” um sexo e em decorrência disso, “ser” um gênero (confundidos como uma coisa uma), dentro das relações heterossexuais binárias, estáveis e oposicionais, é fundamentalmente impossível, pois essa relação se constitui a partir de um princípio de univocidade, de simetria, “uma pessoa é o seu gênero na medida em que não é o outro gênero, formulação que pressupõe e impõe a restrição do gênero dentro desse par binário” (BUTLER, 2017.p. 52).

Dessa forma, o sujeito aparenta e realiza, “mediante um truque performativo da linguagem e/ou discurso” (BUTLER, 2017.p.46). O binarismo oposicional entre os sexos (imposto pelas práticas do desejo heterossexual) denota a univocidade do discurso hegemônico masculino, pois, a visão cultural de que o feminino é o oposto do masculino, silencia o lugar do feminino e sua multiplicidade subversiva, que rompe a hegemonia heterossexual e reprodutiva.

Devido a sua multiplicidade, o gênero não se limita a “ser” dentro da metafísica da substancia, o gênero, supostamente é efeito substantivo, resultante de uma “performance” produzida no interior do discurso das práticas que regulam a coerência do gênero. Logo, as identidades são “performativamente” construídas para “serem” (inex)incluídas na sociedade hegemônica, passíveis de instabilidades líquidas, visto que não há uma essência fechada que determine o que é ser adolescente-mãe, pois o sujeito luta, não aceita os comandos do poder, exerce resistência aos meios de disciplinarização (FOUCAULT,1979) resultando em jogos de poder, saber e resistência. É por intermédio dos efeitos de sentido que emergem destes jogos, que problematizamos em nosso processo analítico das marcas de subjetividade que constituem o sujeito adolescente-mãe no Capítulo 3.

#### **2.4 Estruturação do gesto analítico**

A partir deste referencial teórico elegemos como suporte metodológico a arqueogenealogia de Foucault (2002, 1979) para desenvolver um percurso analítico que considera a história como descontinuidade, sem a busca de uma origem, e descreve os discursos em suas especificidades a partir dos jogos de saberes, poderes e resistência. Considera-se que a descontinuidade, a história e a memória são atravessadas e pertencem a um determinado jogo discursivo. A arqueogenealogia é a junção do método arqueológico (2002) ao método genealógico (1979), suas especificidades são distintas e, ao mesmo tempo, complementares. Apontamos a seguir a especificidade da arqueologia e da genealogia, e em seguida, a necessidade de sua junção.

A arqueologia (2002) possibilita questionar os saberes estabelecidos pela soberania como “verdades” epistemológicas e científicas, e como eles aparecem, se transformam, e produzem subjetividades a partir da teia discursiva constituída pelos discursos e pelas práticas discursivas.

Para entendermos o conceito de práticas discursivas, delineamos a noção de formação discursiva e discurso, para chegarmos na discussão sobre as práticas discursivas. As FD constituem-se na dispersão de um conjunto de enunciados que seguem uma regularidade de sentidos atrelados a uma ideologia, ou a uma ciência, ou a uma teoria (FOUCAULT, 2002). Este conjunto de regularidades enunciativas determina uma lei de coexistência na tensa teia de discursos que circulam na sociedade. Foucault (2002) concebe a palavra discurso como ideia em movimento, estas ideias são regras de controle e ditam propósitos constituídos culturalmente por uma ordem institucional, de forma que estabelecem as leis em geral, como forma de controle. Para o historiador, interessa os discursos da política, da medicina e do direito.

É pela fala que os discursos são postos em prática, somos sujeitos derivados destes discursos. A fala constitui o elo entre as palavras e as coisas, este elo pode ser entendido como prática discursiva. As práticas discursivas atuam nas instituições e nas relações sociais, e possuem regras que formam, significam e valoram o objeto e a “verdade” de quem fala, conforme o conjunto de regras das práticas e formas de organização históricas e sociais. São articuladas, junto às práticas discursivas, as práticas econômicas, políticas e sociais. Essas articulações de forças complexas entre tensão e razão compõem uma teia produtora de realidades, materializados na e pela linguagem, e determinam as “verdades” que regulam a sociedade em determinado tempo histórico-social.

É pela arqueologia que detectamos estes processos de produção dos saberes, ligados a uma série de efeitos de poder, regidos pelas instituições políticas, legislativas, econômicas e educacionais, que propiciam as possibilidades de produção do sujeito adolescente-mãe. Ao analisarmos essas regras, tornamos possível escavar a existência de enunciações fronteiriças na constituição de um discurso. Não que essas enunciações outras não sejam ditas, elas são enunciadas e, ao mesmo tempo, ignoradas pelo poder soberano (FOUCAULT, 2002).

Estes saberes não são contínuos, sofrem rupturas com as mudanças do pensamento de uma sociedade, e; pela genealogia (FOUCAULT, 1979), nessa perspectiva investigamos as descontinuidades que rompem com estes saberes

instituídos. A genealogia analisa as relações entre o corpo e a história, as relações de poder e as práticas não-discursivas (MORAES, 2018). O historiador refuta a ideia de que o corpo do sujeito se constitui por uma essência e uma(s) identidade(s) eterna, para ele, o corpo do sujeito apresenta múltiplos e heterogêneos acontecimentos (MORAES, 2018), presentes na origem, porém, por meio da disrupção do sujeito, prevaleceram os acontecimentos que obedeceram a uma submissão determinada por uma ordem social.

A genealogia (FOUCAULT, 1979) problematiza a origem emblemática das coisas, da primeira identidade, da perfeição da “verdade”, destrói os valores e as realidades aceitas, articuladas no corpo e na história, pois; é no corpo que os acontecimentos são inscritos (MOREIRA, 2018). A genealogia possibilita emergir a heterogeneidade dos acontecimentos (acidentais e descontínuos) na trajetória da história, omitidos por aqueles que narraram a história, e como estes acontecimentos associam suas significações com as relações de poder, determinados pelos diferentes sistemas de submissão e estado de forças em um determinado momento.

A respeito da genealogia, o filósofo historiador ainda questiona as relações entre os processos de dominação e significação, que lutam para estabelecer suas regras subversivas e/ ou instauração de outras. Como consequência, essas relações se encontram sempre no limite, na tensão entre o poder e a resistência.

A arqueologia e a genealogia se complementam na constituição da arqueogenealogia, pois uma não anula a outra, não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência e a “verdade” (FOUCAULT, 1979), mas quais efeitos de poderes circulam entre os acontecimentos, os enunciados e seus regimes de poder interior, como e porquê em certos momentos eles se modificam de forma global.

Gregolin (2004, p. 91) aponta que Foucault realiza a articulação dos saberes, poderes e “verdades” provenientes do discurso, por meio da arqueogenealogia, que permite aos analistas do discurso problematizar as regularidades dos acontecimentos discursivos, as dispersões dos enunciados que estabelecem as “verdades” históricas e sociais. Análise que possibilita chegarmos ao vestígio, a pista de como a origem pode estender seu reinado, além de si própria e não a encontra, somente suas possibilidades. Por conseguinte, a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar todas as percepções da (des)continuidade.

Transpassados pela arqueogenealogia, o corpus de nossa pesquisa foi construído por seis recortes enunciativos selecionados dos documentários “Eu, adolescente

grávida” de Ricardo SÁ (2008), denominado D1 (Documentário 1), e “Saúde no Rolê, gravidez na adolescência” da Plan Internacional (2019) denominado D2 (Documentário 2). São documentos virtuais, de caráter público, documento que, para Foucault (2002), é uma materialidade histórica, que apresenta formas de permanências de uma sociedade, o que nos permite observar, neste recorte sincrônico, as práticas discursivas que representam o sujeito adolescente-mãe na sociedade brasileira em determinado período.

Para melhor compreensão do leitor, esclarecemos que a transcrição (Anexo A) dos documentários segue as normas de transcrições do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (PRETI, 2009) NURC/Núcleo USP. Transcrevemos as falas dos sujeitos participantes dos documentários D1 (documentário 1 - “Eu adolescente grávida”) e D2 (Documentário 2 — “Saúde no rolê: Gravidez na Adolescência”), junto a descrição da cena em que as personagens enunciam. A transcrição é “uma primeira análise do texto” na qual o pesquisador que transcreveu assinala o que “lhe convém”, conforme “seus objetivos” (PRETI, 2009). Dessa forma, a ação da pesquisadora de descrever e transcrever a inscreve como uma narradora para situar o local de cena para o leitor. Essa foi denominada para a pesquisa, como transcritora, e simbolizada pela sigla TR.

A produção cinematográfica dos documentários é resultante da subjetividade dos sujeitos-autores. Estes são interpelados pelos processos de subjetivação das personagens protagonistas (as adolescentes mães) e das personagens secundárias (o adolescente pai, as avós, a mediadora e a gerenciadora de gênero) para chegar a construção de uma representação da adolescente-mãe, e compor sua arte.

Para analisarmos os dizeres dos sujeitos adolescentes- mães, concebemos os recortes, como unidades textuais. Recorremos à discussão de Orlandi (1984) para pautar as concepções teóricas a respeito destes recortes. A autora discorre sobre o olhar teórico para o texto não como unidade linear, cartesiana, em que tudo está explícito e definido, mas conceber o recorte como uma unidade nuclear constituída por múltiplos efeitos de sentido e significações polissêmicas, marcado pela incompletude e pelo implícito, pois se constitui na e pela linguagem em um determinado tempo do processo histórico. O recorte privilegia um determinado momento, como também diferentes FDs, em outras palavras, o recorte se constitui como um “fragmento da situação discursiva” (ORLANDI, 1984, p. 14).

Para uma melhor compreensão de nossos recortes, estabelecemos uma tabela de siglas que designam a organização dos sujeitos e dos recortes que constituem a

análise. Na entrada do recorte vem a sigla AM seguida de um número, determinado conforme a sequência de cenas e aparições dos sujeitos adolescentes-mães nos documentários. O mesmo foi feito com os sujeitos avós, representados pelas siglas AV e seus respectivos números. As siglas D1 e D2 referem-se aos documentários selecionados para nossa pesquisa, e aparecem ao final dos recortes. Em D2 foi utilizado um recorte, por se tratar de uma única entrevista. Observemos a tabela constituída pela Figura 4 a seguir:

**FIGURA 4**

<b><u>SIGLAS</u></b>	<b><u>SIGNIFICADOS:</u></b>
D1	Documentário 1 - “Eu adolescente grávida
D2	Documentário 2 - “Saúde no rolê: Gravidez na Adolescência
AM	ADOLESCENTE-MÃE
AV	AVÓS

Em síntese, este capítulo referenciou teórico metodologicamente os conceitos acerca de discurso, língua(gem), sentido, interdiscurso, memória e arquivo; em seguida, de formação discursiva, subjetividade, identificação, identidade e recorte; que compõem o processo analítico dessa pesquisa. Os procedimentos foram baseados na arqueogenealogia de Foucault (1979). E, a utilização deste referencial teórico metodológico na análise dos recortes dos documentários constitui o Capítulo a seguir. . . : “Gesto analítico interpretativo das falas das adolescentes-mães em (dis)curso.”

### CAPÍTULO 3: GESTO ANALÍTICO INTERPRETATIVO DAS FALAS DAS ADOLESCENTES-MÃES EM (DIS)CURSO.

Objetivamos neste capítulo compreender a constituição dos processos que envolvem a identidade, performance, e as marcas de subjetividade nos dizeres do sujeito adolescente-mãe, considerando as práticas e formações discursivas, os efeitos de sentido e as relações de saber, poder e resistência. É sobre os processos que envolvem as marcas de subjetividade, identidade e performance do sujeito adolescente-mãe que tratamos neste capítulo a partir de três eixos: 3.1 Problematização dos atos performáticos do sujeito adolescente-mãe frente aos dispositivos da maternidade, casamento e trabalho; 3.2 De mãe para filha: “eu não quero que ela passe o que eu passei” e 3.3 “Problematizações das marcas de subjetividade relações de saber e poder entre o sujeito adolescente-mãe e a figura paterna”.

#### **3.1 Problematização dos atos performáticos do sujeito adolescente-mãe frente aos dispositivos da maternidade, casamento e trabalho;**

Selecionamos, neste item, dois recortes enunciativos do sujeito adolescente-mãe 01 e 02, que versam a respeito de suas pretensões futuras frente ao dispositivo da maternidade que constituem o primeiro eixo:

**AM1:** muitas mães novas por aí que deixam os filhos::..jogados... não tem assim/ com a vó::... ((inaudível))...não trabalham e não éh:: isso que eu quero eu quero cuidar do meu fi::lho... eu quero EU trabalhar eu quero EU ser a mãe de::le... en::tendeu? **(D1)**

**AM2:** pretendo casar::... né::... só que::... tem que esperar ele crescer mais um pouquinho::...pra mim::...começar a/ voltar a voltar:: a trabalhar néh::...pra gente conseguir comprar as nossas coisas **(D1)**

Ao falar de si por meio do outro, o sujeito AM1 se materializa em seu discurso por meio da locução substantiva “mãe nova” (linha 01), notamos que ela se inscreve em um jogo de contradição entre o eu o outro (AUTHIER-REVUZ,1998), ao tentar se afastar dessa relação por meio da negação de ser (mãe nova), materializado pelo

advérbio de negação “não é isso” (linha 02), pois, para o sujeito AM1, o termo “mãe nova” o inscreve em uma performance que interpretamos não condizer com suas (não)intenções, modalizadas pelo uso do verbo “querer” (linha 03), pois elas “deixam os filhos jogados[...] com a vó” (linha 01 e 02) e “não trabalham” (linha 02) emergindo efeitos de sentido em que compreendemos que a “mãe nova” não encena o papel de ser mãe dentro do que está estabelecido no discurso da mãe ideal, pertencente a FD da maternidade ideal<sup>35</sup>. Dessa maneira, o sujeito AM1 inscreve o outro (materializado pelo termo “mãe nova”) em um lugar de indeterminação, modalizados pelo uso do dêitico “por aí” (linha 01) e pela preposição “isso” (linha 02), pois notamos que o termo “mãe nova” se afasta de tudo o que o sujeito AM1 determina como pertencente ao FD da maternidade ideal, em que seus atos performáticos constituem-se em “trabalhar” (linha 03) e “cuidar do filho” (linha 03).

Na linha 4, em “eu quero ser a mãe dele” a AM1 revela seu desejo de ser mãe, no sentido cultural mais amplo, não apenas fisicamente. Judith Butler (2017) aponta para essa questão ao discutir a respeito da metafísica da substância, em que é preciso “ser”, dentro de uma determinada prática reguladora, para ser efeito de uma performatividade materna. Não basta ser do sexo feminino e progenitora, tem que performar dentro das regulações que ditam o que seria uma “mãe de verdade”.

“Mãe de verdade” talvez esteja sugerida a ausência da presença, não apenas física, e sim subjetiva e psicológica da mãe de AM1, para orientá-la sobre os assuntos os assuntos que não se falam abertamente considerados tabu: o sexo e suas passagens vitais e culturais, como o sexo na adolescência e o sexo fora do casamento.

Interpretamos que o sujeito AM1 se (in)determina e se contradiz por meio da construção “eu quero eu ser a mãe dele” (linha 04) se inscrevendo na fronteira do não-um, em que a solidez de sua identidade, se liquefaz (BAUMAN, 2008) e se encontra entre ser “mãe nova” e ser “mãe”. Notamos que o sujeito AM1 se identifica como “mãe”, entretanto, se esquece de que também é o outro, uma “mãe nova”, adolescente, fragmentada, sujeito da falta. Interpretamos que suas faltas se materializam em seu discurso na modalização marcada pelo uso do tempo verbal infinitivo, carregando seu discurso de indeterminações temporais, emergindo efeitos de sentido relacionados as incertezas de seu futuro no cuidado, no trabalho e no exercício da maternidade com a

---

<sup>35</sup> Interpretamos o termo ideal atrelado ao mundo das ideias de Platão, refere-se ao significado de perfeição, sem defeitos. Relacionamos a constituição do significado sem defeitos dentro do que o imaginário social constrói como símbolo do sujeito adolescente-mãe, que abdica de si para cuidar do outro.

criança que está para vir ao mundo.

Estas incertezas também se materializam nos dizeres do sujeito AM2 por meio do uso do modo subjuntivo nos enunciados relacionados a sua pretensão de se inscrever no dispositivo do casamento e do trabalho em “pretendo casar” (linha 01) “começar a/ voltar a voltar:: a trabalhar (linha 02). Em nosso gesto interpretativo, as marcas de subjetividade no sujeito AM2 emergem efeitos de sentido que se constituem na FD da maternidade constituída pelo sujeito AM1, em que, para performar a substância “ser mãe” é necessária a sua inscrição no dispositivo do trabalho, como também, segundo o sujeito AM2, no dispositivo do casamento.

As inscrições no dispositivo do trabalho e do casamento parecem constituir as práticas discursivas que envolvem o dispositivo da maternidade. Sabemos que as práticas discursivas ditam as regras e normas de como deve ser o sujeito na coletividade. Ao passo que as necessidades de inscrição nos dispositivos do casamento e do trabalho para exercer a maternidade não é dita somente pelos sujeitos AM1 e AM2, é, pelo não dito, disciplinarizado pelo outro, o imaginário social, que constitui o símbolo e dita as encenações que o sujeito adolescente-mãe performará. Dessa forma, compreendemos que o sujeito AM2 busca a aprovação do outro em suas pretensões de inscrição, materializado no uso do marcador discursivo: “né::”, regulado nas linhas 01 e 02.

Constatamos que o poder disciplinariza os sujeitos adolescentes-mães, docilizando seus corpos por meio das práticas discursivas que ditam que, para adentrar no dispositivo da maternidade, se faz necessário entrar na ordem discursiva do dispositivo do trabalho e do casamento. O sujeito adolescente-mãe exerce resistência e disputa o poder para si, pois, interpretamos que os dispositivos do trabalho e do casamento as inscrevem no lugar de exercício de poder e resistência, pois agora se veem como *matherfamília* (mãe de família), e o dispositivo do casamento emerge efeitos de sentido de propiciar a oportunidade de exercer a maternidade em um novo lar, bancado pelo dinheiro adquirido pelo dispositivo do trabalho.

É também pela inscrição no dispositivo do casamento que a mãe deixa o posto de mãe solo; nome atualizado, com marcas de origem a partir do cristalizado, vulgar, motivo de vergonha: “mãe solteira”, institucionalizado pela FD do patriarcado e na FD da família. Para o imaginário social, de uma sociedade estagnada e conservadora, não estar casada é motivo de vergonha, fracasso. Pois, para se ter sucesso social perante o imaginário social, é preciso ter um “dono”, um mantenedor, um *patherfamília*.

### 3.2 De mãe para filha: “eu não quero que ela passe o que eu passei”

Para a constituição da análise do eixo 2 observamos dois recortes referentes aos dizeres das avós em relação aos sujeitos adolescentes-mães e um recorte dos dizeres do sujeito adolescente-mãe 06, em que rastreamos as marcas de identificação e subjetividade frente a inscrição no dispositivo da maternidade.

**AV2:** mas eu falei que não adianta... Bater...brigar...porque:...tá aí óh... néh:... aGora que ela vai sentir:: o que que é responsabilidade--- eu pensei mui::to também porque EU também engravidei cedo... aos dezessete anos... eu era virgem ainda não tinha/ não sabia na::da::... e aí aconteceu... e aí eu pensava assim se EU... for...tomar o anticoncepcional alguém vai ver... uma camisinha alguém vai ver--- mas na-quela época não tinha o papo que se tem hoje não era tão aberto como se é hoje em dia na::/ nos postos tem::...plano/ planejamen::to néh... é oferecido a camisinha...néh::... todos os métodos pra não...não...se engravidar--- e EU sabia que ela tava namorando... tinha todo o conhecimento então não poderia assim deixar o anticoncepcional em casa uma camisinha...que::... eu ia saber que.. ia:: acontecer::...alguma coisa...tá namorando néh::... (D1)

**AV5:** [ a mesma coisa::... que eu passei ela tá/ ela::...ela se repetiu::...parece que ela::... se inspirou em mim... EU sempre falo isso com ela:: ((risos)) igual ela sabe da minha história de vida que eu conte/ que eu SEM::pre contei pra ela::... que eu:: também fiquei grávida na adolescência eu senti NA PELE:: o que que foi:: isso... eu IA até DAR:: ela pros outros::... eu ia dar ela::... ((respiração)) (D1)

**AM7:** [ pô:: o que:: que minha filha vai::... vestir? ..o que que::... eu vou dar pra minha filha? Qual:: o estudo::... que eu pretendo dar para ela?... eu não que::ro que ela passe o que eu passei (D2):

Ao observarmos os enunciados dos sujeitos avós 2 e 5, observamos uma regularidade no que concerne a identificação deste sujeito em relação a maternidade na adolescência: “eu pensei mui::to também porque EU também engravidei cedo... aos dezessete anos... (linha 02 e 03) eu era virgem ainda não tinha/ não sabia na::da::... e aí aconteceu...” (linha 03).

A modalização de seu dizer pelo advérbio “também” (linha 02) marca uma similitude ao acontecimento da maternidade na adolescência em que sua filha se situa. Entretanto, em “eu era virgem ainda não tinha/ não sabia na::da::... (linha 03) “mas na-quela época não tinha o papo que se tem hoje não era tão aberto como se é hoje em dia” (linha 06 e 07) o sujeito AV2 justifica a ocorrência de sua maternidade pela falta de informação e ausência de conversa, materializada pelo enunciado “papo”, atrelando sentidos de informalidade, de maior liberdade para se conversar a respeito do tema,

enquanto em que em sua época “ainda não tinha/ não sabia na::da::...” (linha 03).

Em nosso gesto interpretativo, concebemos a inocência como uma FD da infância, que remete aos significados referentes ao “brincar”, estes efeitos de sentidos emergem também nas marcas de subjetividade do autor de D1, em sua constituição sonográfica, a música tocada ao fundo da cenografia, remete ao universo infantil. Os sujeitos avós, bem como os sujeitos adolescentes-mãe, sabem que tem este lugar da inocência, do não saber, não responsabilidade, construído historicamente para as crianças e adolescentes. “Parece-nos que há uma conotação negativa sobre a responsabilidade delas, por meio dos itens lexicais “não” e “ninguém”. “Ela não detinha poder sobre o próprio corpo, porque “não sabia”, “ninguém falava”, a falta de saber não lhe permitia poder sobre o seu corpo.

O truncamento no dizer “tinha” do sujeito AV2, escapado pelo Outro (LACAN, 1998) e contido a tempo pelo consciente, despontam efeitos de sentidos que levam a interpretação de o sujeito AV2 sabia sobre os locais de informação, nos postos de saúde, entretanto, ao procurar o saber da prevenção, “alguém iria ver” o exercício de sua joia indiscreta, denunciando-o à ordem do dispositivo do sexo, pois o uso dos medicamentos preventivos da gravidez remetem as práticas discursivas que envolvem o dispositivo do sexo, visto como um tabu (FOUCAULT, 1971), inscrito na ordem daquilo que não se pode dizer e fazer.

A expressão “mãe solteira” e seus sentidos emerge novamente no que concerne aos efeitos de sentidos que os sujeitos avós suscitam em suas marcas de subjetividade. Os sujeitos avós, produzidos em um passado recente, encontram-se no imaginário social cristalizado, estagnado e conservador. Essa expressão é carregada de preconceitos, pois, para além de fracassar no cumprimento da ordem social em que se deve ter um “dono”; um marido, a maternidade é a concretude do sexo praticado antes do casamento, constituindo a FD religiosa, o que também acontece no recorte da carta da adolescente-mãe 6.

Situação essa marcada pelo sentimento na “PELE”, diferente da situação atual em que aparenta ter uma melhor condição para criar sua filha e sua neta. Assimilamos que, no passado, o sujeito AV5 não obtinha condições financeiras concretas para alimentar, vestir, dar escolarização para sua filha, levando-o a possibilidade de “DAR” (linha 04 e 05) sua filha para os outros.

Assim, exercer a maternidade na adolescência, é um comportamento observável na sociedade como vergonhoso, infame (FOUCAULT, 1977). Materializado

pela vontade de que seu próximo não passe pela mesma situação, como no enunciado do sujeito AM6 em: “eu não quero que ela passe o que eu passei” (linha 2) marcado pelas incertezas e inseguranças do futuro de si e do outro, seu filho, assim como os sujeitos AM2 e AM3.

O sujeito AV2 descortina, em seu véu discursivo, sua incompletude e contradição no cumprimento do papel performativo de “mãe de verdade” de AM2, ao enunciar que “não adianta... Bater...brigar...porque::...tá aí óh... néh::” (linha 01), este enunciado emerge efeitos de sentidos de que, AV2, mesmo presente, sua ausência psicológica e subjetiva criou falhas na educação de sua filha, a respeito de orientá-la sobre a vida sexual, pois também não teve essa orientação de sua mãe no passado.

Esse comportamento repetitivo, sobre não falar a respeito do sexo, é oriundo da FD cristã, muito presente nos discursos que direcionam a coerção de nossa sociedade conservadora, que mesmo com o passar do tempo, as gerações familiares mantêm-se dentro dessas práticas reguladoras de como devem “ser” as mães, dentro da inteligibilidade performática estabelecida pelo poder hegemônico.

Entretanto, o sujeito adolescente-mãe, assim como suas mães (que foram adolescentes-mães no passado) exercem resistência e adentram no universo daquilo que não pode ser dito, o prazer da carne, que não foi praticado pela Virgem Santa do cristianismo, o sexo praticado na adolescência, fora do casamento.

A vida sexual da adolescente flagrada pela maternidade a insere em um jogo de poder e saber (FOUCAULT, 2015) que constitui um entremeio de fronteiras: nem criança, nem adulta, em uma sociedade de ordem discursiva predominantemente patriarcal, tuteladas matriarcalmente por seus responsáveis – as avós, e tuteladoras daqueles que elas geram.

### **3. 3 Problematizações das figuras paternas presentes no documentário**

Neste eixo (eixo 3), nosso gesto interpretativo refere-se aos processos de subjetivação do sujeito adolescente-mãe a respeito da (des)constituição da figura paterna, dentro das formações discursivas da família, maternidade e paternidade. É importante ressaltar que, nos documentários, as cenas em que a paternidade se destaca, acotencem em três momentos, as falas de AP2, a carta do sujeito AM6 destinada a seu pai em D1, e a fala do sujeito AM7 em relação a divisão tutelar de sua criança com o pai em D2. Dentre eles, selecionamos os discurso da AM6, pois nos interessa problematizar

suas relações de saber e poder e marcas de subjetividade materializadas nos discurso do sujeito AM6 para seu pai.

O sujeito AM6 lê uma carta destinada ao pai. Enquanto lê a carta, o sujeito AM6 não elucida onde ele está. Presumimos que, no tempo em que D1 foi gravado, ele se encontrava em situação carcerária, pois, do não dito em relação ao lugar de destino da carta, e outros efeitos de sentido<sup>36</sup>, emerge efeitos de sentidos de que AM6 pode /quer esconder do espectador (d)este lugar, seja pela necessidade de discrição e preservação da família, e /ou por vergonha. Há, também, em torno da FD do cárcere, o comportamento comunicacional entre os sujeitos encarcerados e seus familiares, realizado por meio das cartas.

**AM6:** ((choro)) pai:...passei por vários caminhos difíceis... ((choro)) mas com minha família e meus amigos ao meu redor:... sempre vejo a vida correr... e assim aprendendo mais com a vida a cada passo que der:... tentarei fazer melhor ((respiração))---PAI aprendi muito com você:: não tanto quis:... sei que foi muito difícil pra você saber que tem uma filha tão:: nova grá::vida...((suspiro)) mas não queria desapontar desse jeito:...mas te peço seu perdão:... e sei que minha vida não estará pelo avesso assim:...dessa forma que você pensa---sei que terei um final feliz:... terei meu filho:...preciso do seu perdão:... pois devo minha vida a você:...pois até que você nos criou com muita dificuldade e nem por isso você desistiu:... você foi um grande guerreiro...((suspiro)) pois me sinto uma mulher renovada e quero sempre estar do teu lado no passado presente e futuro... pra mim nunca sentir sozi::nha---acabou (a leitura da carta) ((seca o rosto com as mãos)) **D1.**

O sujeito AM6 inicia seu fio discursivo destinado ao outro por meio do uso do substantivo “pai”, enquanto traça uma trajetória de si, modalizada pelo uso dos verbos flexionados em primeira pessoa: “passei”, “vejo”, (eu) “der”, “tentarei”, “fazer”.

Em: “:...passei por vários caminhos difíceis... ((choro)) [...] mas com minha família e meus amigos ao meu redor:...[...] sempre vejo a vida correr... e assim aprendendo mais com a vida a cada passo que der:...[...] tentarei fazer melhor ((respiração)), o sujeito AM6 antecipa a indeterminação de seus “caminhos” pelo pronome: “vários” (linha01) e os adjetiva de “difíceis” (linha 02). Estes caminhos reativam memórias em AM6, que entendemos como acontecimentos discursivos que marcaram a trajetória de sua vida, como o acontecimento da maternidade na adolescência.

Entretanto, a conjunção adversativa “mas” (linha 1) denota uma intenção de (não) mostrar a superação desta trajetória difícil, pois, ao afirmar que, ao seu redor,

<sup>36</sup> Efeitos de sentido que remetam a ausência do pai, que reforçam o a situação carcerária presumida pela pesquisadora, serão discutidos no decorrer deste eixo, nas pag: 73,

estava com sua “família” e seus “amigos”(linha 2) compreendemos, que nestes enunciados, existe uma ausência de itens lexicais que marquem a presença de seu pai.

Caminhos difíceis, possivelmente em consequência da ausência de seu pai, em situação de cárcere. AM6, como sujeito da falta, fragmentado, mesmo apoiada por seus familiares e amigos, ainda parece sentir solidão, então busca preencher sua incompletude via seu pai, seu desejo, materializado pelo verbo “querer”, atrelado ao advérbio de tempo “sempre” (linha 11), que, segundo o dicionário Oxford<sup>37</sup> significa totalidade de tempo, ao lado de seu pai, reforçados pela modalização da flexão de seus tempos vitais, em “no passado presente e futuro... pra mim nunca sentir sozi::nha”, na linha 12.

O eu do sujeito AM6 se constrói em relação a ti (seu pai), em uma disputa pela detenção do saber, materializados no uso dos verbos “aprendendo”, “aprendi”, “sei (linhas 6, 9 e 10)”. Entretanto, nos parece que, nesta disputa, o pai está em posse deste jogo, pois há uma regularidade de enunciados, envoltos na FD teísta, que emergem efeitos de sentido e atravessam a figura do pai lhe atribuindo uma identidade divina, criadora da vida. Visto que, nas práticas discursivas cristãs, o sujeito fora da ordem (FOUCAULT, 1971) é absolvido pelo pedido de perdão à divindade criadora, que concedeu vida ao sujeito AM6, materializado no enunciado: “devo minha vida a você”.

Interpretamos que o sujeito AM6 significa seu saber na relação com pai, a figura divina, este, pode também inscrevê-la na FD religiosa, por meio dos efeitos de sentido no não dito, sua inscrição é vista como pecadora, e solicita seu perdão divinatório, modalizado nos pedidos: “te peço perdão”, “preciso do seu perdão” nas linhas 07 e 09. Consideramos que o acontecimento da maternidade na adolescência é o fruto deste pecado, que desvela a joia indiscreta (FOUCAULT, 1988) de AM6, fazendo a falar, pelo não dito, sobre àquele que não se deve dizer/enunciar, pois, é tabu (FOUCAULT, 1971) : o sexo.

O sujeito AM6 e seu pai a inscrevem na fronteira do pecado, envoltos pela FD do sexo e pela FD religiosa. Todavia, as práticas discursivas que envolvem a sexualidade, que o AM6 detém seu poder na disputa com o pai, pois é pelo sexo (no não dito), que ela se inscreve na posição de maturidade etária, o fruto de seu sexo, a maternidade a fez se sentir “uma mulher renovada”. É nessa fronteira, que sua

<sup>37</sup> Dicionário Oxford. Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=significado+de+sempre&rlz=1C1CHZN\\_pt-BRBR928BR928&oq=significado+de+sempre&aqs=chrome..69i57j0i512j35i39i362j0i512j69i6513j69i60.3397j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=significado+de+sempre&rlz=1C1CHZN_pt-BRBR928BR928&oq=significado+de+sempre&aqs=chrome..69i57j0i512j35i39i362j0i512j69i6513j69i60.3397j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 10/05/2022.

identidade líquida e transitória (BAUMAN, 2005) se encontra como não-um: é adolescente, é mulher (adulta).

Fazer sexo antes do casamento, segundo o dispositivo religioso, é pecado. Conforme discutido no Capítulo 1, no item 1.3 “A adolescente-mãe precisa da ajuda da mídia e da sociedade?”, é preciso economizar os prazeres (FOUCAULT, 1988), se mater abstinência para uma melhor reprodução no casamento. Estes efeitos de sentidos se entrecruzam na teia interdiscursiva com a História, emergidos na campanha governamental que utiliza o recurso linguístico “#tudotemseutempo”, explanados na página 26.

Assim, o dispositivo da maternidade lhe confere o poder de mudança, de movimento, uma nova performance (BUTLER, 2018) de vida a partir do nascimento de seu filho, afirmado na regularidade do verbo “ter” em “terei meu filho”, “terei um final feliz”. Essa nova performance, de adolescente-mãe, para o sujeito AM6 é marcada pela locução “final feliz”, e, pelo não dito, entra na disputa pela posição de divindade com seu pai, visto que ela é, dentro das práticas discursivas, mãe, chefe de sua própria família (constituída por ela e seu primogênito) e tem o poder de deixar os caminhos difíceis no passado, para trilhar seu final feliz. Em final feliz, emerge o efeito de sentido de resistência ao discurso da sociedade estagnada e conservadora em relação à gravidez na adolescência.

A partir de nossa análise dos dizeres dos sujeitos de nosso recorte, notamos a presença dos sentidos atrelados ao que ditam as práticas reguladoras que regem a inteligibilidade do gênero, do sexo e do desejo sexual (BUTLER, 2017) no que concernem ao sexo, à maternidade na adolescência e a responsabilização da criação e educação da criança, no seio familiar, é a do gênero feminino. Esse comportamento, embora dentro de certa resistência, obedece ao que foi estabelecido pelo poder hegemônico, de como devem performar as mulheres e os homens frente a constituição do sexo, na adolescência e fora do casamento, e assim ordenar a organização econômica e familiar, dentro dos efeitos substantivos exigidos pela compreensão binária dos papéis exercidos pelo gênero, estabelecidos culturalmente.

Por conseguinte, as formações discursivas que aparecem nos três eixos constituem-se pela FD da maternidade ideal, do patriarcado, da família, da infância, religiosa, teísta, do cárcere e do sexo. Estas FDs estabelecem um diálogo com o interdiscurso com os já ditos que permeiam a menina adolescente periférica, negra, de cabelos cacheados, grávida, mãe solo, praticante de sexo fora do casamento, que sofre

as instabilidades de ser menina e mulher, em simultâneo, exerce resistência diante o julgamento da sociedade estagnada e conservadora. Estes já ditos apontam para um arquivo, que está no imaginário social, que emerge por meio da memória discursiva.

## INCONCLUSÕES

A partir do processo analítico dos recortes e levantamentos que condicionam a produção do sujeito adolescente-mãe, interpretamos que a pesquisa demonstrou a alcançabilidade de nosso pressuposto em que a relação do saber da prevenção da gravidez é direcionada às mulheres, por meio dos dispositivos midiáticos e órgãos institucionais pertencentes à saúde, legislativo e pedagógico, sob a produção de sentidos que envolvem o sujeito e direcionam as campanhas de prevenção a gravidez e legislações de proteção à adolescente.

Somos a sociedade da vigília, nos vigiamos e nos desconfiamos, as instituições de controle como a mídia e as instituições governamentais, coagem e determinam os sentidos por meio da regulação e coerção, e, assim, produzem o corpo do sujeito a adolescente-mãe: vigiado, passivo, vulnerável, sobrevivente da sociedade estagnada e conservadora, negra, dos cabelos cacheados, favelada, e carece da solidariedade/ajuda do outro. Estes recursos que constituem o sujeito adolescente-mãe pelos dispositivos midiáticos, seduzem a atenção daqueles que estão sempre dispostos a vigiar: os espectadores da sociedade estagnada, conservadora, patriarcal, que não perdem a oportunidade de assistir à tragédia alheia.

Logo, nossa hipótese constituída na compreensão de que existe um apagamento nos papéis sociais destinados à menina adolescente-mãe e uma adultização precoce a ela direcionada, se comprovou ao seguirmos os caminhos da constituição do símbolo do sujeito adolescente mulher nos documentários coletados. Essa adultização não é generalizada, comum a todas as meninas adolescentes, pois varia conforme os âmbitos sociais, culturais, financeiros e sexuais em que elas estão inseridas. Embora o sujeito adolescente-mãe dos documentários sejam negras, vulneráveis, moradoras das periferias, do cabelo cacheado, praticante de sexo fora do casamento, essa adultização precoce acontece em outros lugares econômicos e sociais.

Em outras palavras, o apagamento nos papéis sociais nos pareceram destacar-se pelo corpo negro, moradora das periferias, entendemos que a gravidez na adolescência existe em outros lugares, mas o foco da ideia-imagem (BORDIEU, 2008) da adolescente-mãe que chega aos telespectadores, segue essa constituição de identidade. Como objetivo geral, elegeu-se problematizar as performances históricas e culturais destinadas ao sujeito adolescente-mãe.

Percorremos nosso objetivo geral por meio das problematizações das performances histórico-culturais encenadas pelo sujeito adolescente-mãe. Interpretamos que as performances se constituem a partir da ideia-símbolo constituída discursivamente por um simulacro da realidade (PESAVENTO, 1999), pois a verossimilhança com o mundo vivido constitui a crivilidade da ideia –símbolo, que regula os atos performáticos por meio das repetições imagéticas e dos sentidos de forma não objetiva, sutil, reporta a um significado por meio de outra ideia (BORDIEU, 2008). Dessa relação de constituição discursiva entre si e o outro, emergem comportamentos que criam a ilusão de completude (LACAN, 1998). Este processo de olhar para si pelo olhar do outro, segundo Coracini (2007), é denominado ilusão de identidade.

Conforme vimos no capítulo teórico, a identidade, como a identidade de gênero, é líquida e negociável conforme os caminhos que o indivíduo (não) determina. Este processo de liquidez foi facilitado pelos efeitos da globalização e da flexibilização da internet que disponibiliza identidades prontas para serem usadas e renovadas (BAUMAN, 2008, p. 11). Essas identidades são direcionadas aos sujeitos a partir de seu sexo binário, masculino e feminino, a partir da visão cartesiana de sexo, desejo sexual, e gênero. A relação entre sexo desejo sexual e gênero parte do princípio de atração oposta entre os sexos, chamada por Butler (2017) de heteronormatividade compulsória, essa relação designa a compreensão das identidades masculinas e femininas e como devem ser performativizadas.

Ressaltamos não haver uma essência fechada, sólida, que determine totalmente a constituição do sujeito adolescente-mãe. Pois, frente aos dispositivos disciplinares que regulam seu corpo e identidade, o sujeito exerce sua resistência (apontados nos resultados dessa pesquisa) nos possibilitando observar e problematizar os jogos de poder, saber e resistência realizados na relação entre o sujeito adolescente-mãe e a sociedade.

Percorremos nossos objetivos específicos, ao interpretar em nosso processo analítico, as marcas de subjetividade e instabilidades do sujeito adolescente-mãe frente ao dispositivo da maternidade, trabalho e casamento, em que como resultado, analisamos que o sujeito adolescente-mãe entra na disputa pelo poder e saber por meio da resistência, resignificando as coerções destes dispositivos a seu favor, pois enxergam sua gestação como possibilidade de ascensão social, se constituem como adolescente e como não-um, na fronteira que residem a adolescente, a mulher e a mãe.

A inscrição nos dispositivos, do trabalho e do casamento, possibilitam o exercício de poder e saber como chefe de sua família, acreditando que a inocência de sua adolescência ficou nos atos performáticos do passado, entretanto, como sujeito fragmentado, contraditório e da falta, essa identidade em que o sujeito adolescente-mãe acredita não mais encenar, escapa, por meio do não- um, inscrito na fronteira da (i)maturidade.

Por conseguinte, como segundo objetivo, rastreamos as formações discursivas, os inter/intradiscursos, memória discursiva e arquivo, que permeiam o universo discurso sobre e das adolescentes-mãe. As formações discursivas que emergiram das escavações constituem-se pelas FD da maternidade ideal, do patriarcado, da família, da infância, religiosa, teísta, do cárcere e do sexo. É por meio destas FDs, que estabelecemos um diálogo com o interdiscurso com os já ditos que permeiam a menina adolescente periférica, negra, de cabelos cacheados, grávida, mãe solo, praticante de sexo fora do casamento, que sofre as instabilidades de ser menina e mulher, ao mesmo tempo, exerce resistência diante o julgamento da sociedade estagnada e conservadora. Estes já ditos apontam para um arquivo, que está no imaginário social, que emerge por meio da memória discursiva.

E, como terceiro objetivo, e, como terceiro objetivo, discutimos as relações de identidade, identificação e relações de saber, poder e resistência que envolvem o sujeito adolescente-mãe e a figura paterna, como resultado, o gesto analítico dispõe que no discurso do sujeito adolescente-mãe há uma relação de saber, poder e resistência entre ela e seu pai. Em um primeiro olhar analítico, interpretamos que o sujeito adolescente-mãe constitui a figura de seu pai como um símbolo sagrado, e enxerga a si própria nele, busca em seu pai aprovação e companhia. Ao mesmo tempo, o sujeito adolescente-mãe exerce a resistência na disputa de poder e saber, pois, para o sujeito adolescente-mãe, o exercício da maternidade a permite destituir o pai do lugar de chefe de família, para ocupar o lugar de mãe de família.

Entre as pesquisas coletadas para o estado da arte, concordamos com Leão (2012) e Freyre (2000) na constatação de que a gestação é vista pelo sujeito adolescente-mãe como uma saída para falta de perspectivas sociais para o futuro, e como aquisição de status do papel social de mãe, analisamos que as relações de poder e saber que envolvem a maternidade, atreladas ao poder do sexo, resultam em transformações performáticas nos sujeitos envolvidos.

Não concordamos com Nunes (2007), no gesto interpretativo dos

documentários, que, de forma geral, os avós acabam por cuidar dos filhos do sujeito adolescente-mãe, bem como suprem a ausência do adolescente-pai. Pois, o sujeito adolescente-mãe, produzido pelo poder, fragmentado, contraditório, se encontra em disputa na relação de poder e saber com o adolescente-pai. Para o sujeito adolescente-mãe, exercer a maternidade é uma forma de ocupar o lugar atribuído ao chefe de família.

A (in)conclusão de nossa pesquisa se deu no aporte teórico-metodológico no campo da Análise de Discurso a partir de Foucault (1979), pautados na arqueogenealogia, genealogia, discurso e relações de saber, poder e resistência em nossas discussões, enviesadas pela perspectiva discursivo-desconstrutiva de Derrida (1995) e Coracini (2007), em que a entendemos como estratégia argumentativa, possibilitando ao pesquisador desconfiar das tradições, interrogando a língua(gem), e problematizando o sujeito, os saberes, as “verdades”, e os discursos, lisos como pedra. Arelados a ideia psicanalítica de Lacan (2009) de não completude, não objetividade, clivagem e contraditoriedade. Dessa forma, a abordagem da perspectiva discursivo-desconstrutiva se constitui na tríade conflituosa e transdisciplinar entre a Linguística, a História e a Psicanálise, desarticulando as dicotomias estabilizadas e transformando o fixo em deslocado. É a partir dos questionamentos destes saberes que ditam as “verdades”, que rastreamos as rupturas de suas discontinuidades que constituem o sujeito adolescente-mãe.

Esta pesquisa é relevante para descortinar o que acontece com frequência e não é falado, pois é tabu. A gravidez na adolescência é uma questão atual, social e de saúde pública. O documentário nº 2, “Saúde no Rolê: Gravidez na adolescência” (PLAN INTERNACIONAL, 2019), constrói uma proposta desconstruída, por meio de um acolhimento informativo, em que aponta para a necessidade de discutir a respeito da educação sexual entre os adolescentes, sobre o uso da camisinha para prevenção de DSTs, e gravidez indesejada, para a necessidade de quebrar o tabu da discussão sobre o sexo no seio familiar, sobre a responsabilização e divisão do trabalho entre o homem e a mulher, pois, de maneira geral, como pudemos notar em nossa análise, a responsabilidade de conversar e orientar sobre o sexo, recai somente sobre o corpo da mulher (e por que somente para ela e para o pai, não?).

A quantidade não significativa de visualizações e comentários nos documentários que tratam do tema, na mídia social *Youtube*, ao qual milhões de pessoas acessam diariamente, apontam para a questão reforçada do tabu, do não dizer sobre a

gravidez na adolescência, para o desinteresse da população a respeito do tema, inclusive os jovens, pois estes são o símbolo das personificações tratadas nos documentários.

Os olhos da sociedade da vigia se voltam para o tema apenas quando eclode nas mídias algo relacionado, gerando (não) espanto da população, que corre para as telas para assistir a tal espetáculo do horror, fingindo indignação sobre, entretanto, não tomam atitudes para mudar o regimento cultural que mantém a violência sobre os corpos femininos naturalizadas, permanecendo assim na estagnação social (ZIZECK, 2014).

Temos como exemplo, no ano de 2022, a notícia do estupro e interdição jurídica ao aborto de uma menina de onze anos<sup>38</sup>. A discussão em destaque não referiu sobre o estupro, sobre o autor do estupro, ou sobre as condições que favorecem o estupro, reforçamos aqui, que a menina tinha apenas dez anos. A repercussão da notícia se deu sobre o fato da interdição jurídica ao aborto para a menina, Denotando a preocupação exacerbada com o feto e a negação do aborto, influenciados pela FD cristã, apontadas em nossa discussão na Introdução e nas Condições de Produção, ao tratarmos do projeto anterior (modificado devido a pandemia) na qual a pasta jurídica da assistência social da cidade de Três Lagoas –MS, preocupa-se com o fortalecimento familiar entre a adolescente e o feto, para que esta não o abandone, e cumpra com a designação performativa de “ser” “mãe de verdade”.

Os sujeitos interessados nos documentários, por meio dos comentários na plataforma, se mostraram críticos em relação às adolescentes-mães. Contraditoriamente, a maioria dos sujeitos comentadores se constituíam por mulheres. Em nossa interpretação, essas mulheres agem sob a ótica da ilusão da identidade performativa de “ser” mulher, dentro das práticas reguladoras, contribuindo com a manutenção do corpo feminino na docilidade, passível e obediente às ordens estabelecidas pelo poder hegemônico masculinista e falocentrista, que favorece e privilegia o sexo masculino e exclui o sexo feminino (BUTLER, 2017).

Como reflexão, destacamos a necessidade de questionar os órgãos disciplinares quanto às políticas públicas efetivas nas zonas periféricas, como as que constituem o lugar do sujeito adolescente-mãe que se inscrevem em políticas de saúde, lazer e educacional para ambos os gêneros.

---

<sup>38</sup> A notícia que trata do assunto foi retirada do Jornal The Intercept em “Suportaria ficar mais um pouquinho? Vídeo: em audiência, juíza de SC induz menina de onze anos grávida após estupro a desistir de aborto legal”. Acesso em 20/07/2022. Link Disponível em: <https://theintercept.com/2022/06/20/video-juiza-sc-menina-11-anos-estupro-aborto/>

Propomos trazer essa discussão tão importante e necessária para a academia, para as licenciaturas, frente à necessidade de discutir a relevância social tratada nesta pesquisa. Tendo em vista que, discutir essas questões na escola, no ensino regular, existe a possibilidade de sermos interditados pela coordenação, direção escolar e pelos pais destes alunos, que não querem seus filhos falando a respeito da educação sexual na escola, (nem dentro de suas casas). Reafirmando assim, a presença do tabu do sexo pela sociedade, desde os primórdios da colonização.

Por fim, o gesto analítico aqui trazido, não está pronto e acabado, pois não dá conta de toda a questão, mas caracteriza-se por uma tentativa de inserir essa pesquisadora, de forma a provocar o dissenso nas discussões sobre o sujeito adolescente-mãe, negro, de cabelos cacheados, periférico, e praticante do sexo fora do casamento: “as mães solo”.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.M. A maternidade na adolescência: um desafio a ser enfrentado. *Revista Brasileira de Enfermagem*. V. 56, 2003, p. 519-522.

ALMEIDA, Nadir Oliveira Galvão Leite de. *Adolescente mãe em conflito com a lei: vivência da maternidade em cumprimento de medida socioeducativa*. 2011. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Superintendência de pesquisa e pós-graduação, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2011.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. Cláudia Pfeiffer et. Al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORDIEU, Pierre, *A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar Quer Dizer*, prefácio Sergio Miceli. - 2. ed., -São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BRANDÃO, Helena Hathsue. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Editorada Unicamp, 2012.

BRASIL. Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos. Lei 8. 069, 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do adolescente*. Brasília, 2019.

CABRAL, Stela Araújo. *Representações maternas no contexto da maternidade na adolescência*. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de pós-graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas-SP: Autores Associados, 2003.

CALAF, Priscila Pinto. *Criança que faz criança: (des)construindo infância e sexualidade com meninos e meninas de rua*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

COLLING, Ana Maria & TEDESCHI, Lisandro Antonio (Orgs). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

CORACINI, Maria José Rodrigues Farias. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CORACINI, Maria José Rodrigues Farias. Representações de professor: entre o passado e o presente. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 1, jan/jun. 2015, p. 132-161.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Trad. AnaLúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. Trad. Maria Beatriz da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, Paris, 1971.

FOUCAULT, Michel. *La Vie des Hommes Infames*. LES CAHIERS DU CHEMIN. Paris, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Roberto Cortea de Lacerda. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edição Graal. 1988.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro, Forense, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Sobre a História da Sexualidade*. In.: MACHADO, Roberto (Org.) *Microfísica do Poder*. 25 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012p. 364-365.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

GALLI, Fernanda C. S. Escrita: (re)construção de vozes, sentidos, “EUS”. In: CORACINI, M. J.; ECKERT-HOFF, B. M. (orgs.). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GUIMARÃES, Rodrigo. *Desmemórias, arquivos e a construção do esquecimento*. Revista de Estudos Literários – IPOTESI. Vol. 11, n°2. 2007

GURGEL, Maria Glêdes Ibiapina. *Tendência dos riscos da gravidez na adolescência: representações sociais dos enfermeiros acerca da prevenção*. 2011. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 95-110.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer querer dizer*. Trad. Eni Orlandi. HUCITEC: São Paulo, 1992.

HIRATA, Helena & LABORIE, Françoise, DOARÉ, Le Hélène & SENOTIER, Danièle (Orgs). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Trad. de Vera Ribeiro; Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *A identificação: seminário 1961 – 1962*. Trad. Ivan Correia e Marcos Bagno. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife, 2003.

LACAN, Jacques. *O Seminário: os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Miller. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas, SP: Pontes, 1988.

LEÃO, Livia Caetano da Silva. *Tornar-se mãe de um bebê prematuro na adolescência: uma condição de dupla imaturidade*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, 2012.

MAGALHAES, Salvaterra Anderson; KOGAWA, João. *Pensadores da Análise do Discurso*. Uma Introdução. Jundiaí, São Paulo. Paco Editorial, 2019.

MICELI, Sérgio. *A sociologia faz sentido*. In: BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer*. 2º ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MORAES, Marcos Vinicius Malheiros. 2018. "Genealogia - Michel Foucault". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/genealogia-michel-foucault>>

MOREIRA, Livia Maria de Azevedo. *Desenvolvimento e crescimento humano: da concepção à puberdade*. In: MOREIRA, Livia Maria de Azevedo. *Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual*. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 113-123.

NUNES, Marcos Antonio de Andrade. *A adolescente de baixa renda em situação de mãe recente: uma representação de família*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pró-reitoria em pesquisa, ensino e extensão, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

ORLANDI, E. P. *Segmentar ou Recortar?* In: UBERABA, F. I. D. *Linguística: Questões e Controvérsias*. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, v. Série Estudos 10, p. 09-26, 1984.

ORLANDI, Puccinelli. *Discurso e leitura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

ORLANDI, Puccinelli. Exterioridade e Ideologia. *Cadernos Estudos Linguísticos*. Campinas, (30), p. 27-33, Jan./Jun. 1996.

ORLANDI, Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PADILHA, Maria Angélica Silveira. *As representações Sociais da Evasão Escolar para Mães Adolescentes: Contribuição para a Enfermagem*. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Cuadernos del Sur, História* 28, 1999, p. 235 – 255.

PRETI, Dino. *Entre o oral e o escrito: a transcrição de gravações*. In: PRETI, Dino. (Org.). *Oralidade em textos escritos*. São Paulo: Editora Humanitas, 2009.

RIBEIRO, Patricia Monica. *Mesmo sendo adolescente, sou mãe e gosto de ser assim: do processo saúde-doença à construção do processo saúde-resiliência*. 2009. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Boitempo Editorial, 2014.

### REFERÊNCIAS ONLINE

ALMEIDA, TRINDADE, GOMES E NIELSEN. A maternidade na adolescência: um desafio a ser enfrentado. 2003. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/reben/a/JvSLXrs467xdYTVGV4R5hWb/?lang=pt>. Acesso em 05/04/2021.

OXFORD, Dicionário. O que é mídia. Disponível em :  
<https://www.significados.com.br/midia/> . Acesso em 22 de Julho de 2022.

SÁ, Ricardo Salles, Eu adolescente grávida. Disponível em:  
 <[https://www.youtube.com/watch?v=4HF1HQhkP\\_M](https://www.youtube.com/watch?v=4HF1HQhkP_M)> Acesso em 18 de Maio de 2021.

PLAN INTERNACIONAL, Saúde no Rolê, cap 4. Gravidez na adolescência, 2019. Disponível em <https://plan.org.br/saude-no-role/>. Acesso em 18 de Maio de 2021.

GDF, Governo do Distrito Federal, *Fala, adolescente!*  
 Link disponível:: < <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/02/01/fala-adolescente/>>  
 Acesso em:17/10/21.

PLAN INTERNACIONAL, *Estudo de contexto Capão redondo e Grajaú*, disponível em: <[https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/03/estudo\\_de\\_contexto\\_capao\\_redondo\\_e\\_grajau.pdf](https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/03/estudo_de_contexto_capao_redondo_e_grajau.pdf)>. Acesso em 19/04/2022

NOTÍCIAS, GLOBO, *A pedofilia na internet cresceu em cinco anos diz estudo*. Link de acesso a notícia: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1025293-6174,00-PEDOFILIA+NA+INTERNET+CRESCER+EM+CINCO+ANOS+DIZ+ESTUDO.html>>. Acesso em 10/11/2021

REPORTER, bbc, *Pedofilia na rede*. Link de acesso a notícia:  
 <[https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070618\\_pedofilia\\_rederg](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070618_pedofilia_rederg)>. Acesso em 10/11/2021

FEDERAL, Governo. *Legislação de lei 11829, de Novembro de 2008*. Link de acesso a lei 11.829:  
 <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11829&ano=2008&ato=c75ATRU5UNRpWT3f3>>. Acesso em 11/10/2021

UOL, Folha. *Verificamos a mamadeira de pênis de Haddad*. Link de Acesso a notícia: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/10/20/verificamos-haddad-mamadeira-penis/>> Acesso em 12/10/21

NOTÍCIAS, Globo. *É fake que ilustração de ato sexual foi usada em cartilha do MEC para crianças*. Link de Acesso a notícia: <"<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/09/25/e-fake-que-ilustracao-de-ato-sexual-foi-usada-em-cartilha-do-mec-para-criancas.ghtml>> Acesso em 12/10/21

BRASILEIRA, Câmara Legislativa. *Projeto transfere para Setembro a Semana Nacional de Prevenção a gravidez na adolescência*. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/699448-projeto-transfere-para-setembro-semana-nacional-de-prevencao-a-gravidez-na-adolescencia>>. Acesso em 20/10/2021.

OXFORD, Dicionário. *Significado de Sempre*. Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=significado+de+sempre&rlz=1C1CHZN\\_pt-BRBR928BR928&oq=significado+de+sempre&aqs=chrome..69i57j0i512j35i39i362j0i512j69i65l3j69i60.3397j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=significado+de+sempre&rlz=1C1CHZN_pt-BRBR928BR928&oq=significado+de+sempre&aqs=chrome..69i57j0i512j35i39i362j0i512j69i65l3j69i60.3397j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>. Acesso em: 10/05/2022.

INTERCEPT, The Journal. *Suportaria ficar mais um pouquinho? Vídeo: em audiência, juíza de SC induz menina de onze anos grávida após estupro a desistir de aborto legal*. Link Disponível em: <https://theintercept.com/2022/06/20/video-juiza-sc-menina-11-anos-estupro-aborto/>. Acesso em 20/07/2022.

CONTRAPONTO, Vimeo. "Eu, adolescente Grávida". 2009. Disponível em: <https://vimeo.com/contraponto>. Acesso em 15/04/2021

## ANEXO A: Transcrição da fala dos sujeitos que compõem o documentário.

### 1: “Eu, adolescente grávida” (2008), de Ricardo Sá.

Metodologia: a transcrição do documentário segue as normas de transcrições do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (PRETI, 2009) NURC/Núcleo USP.

**TR:** O documentário inicia a cena 1 com a AM1 em um dos postos de saúde de Vitória Espírito Santo realizando um de seus pré natais, na qual ela se encontrava com 28 semanas e 1 dia. Na cena seguinte, o documentário mostra o parto normal da AM2, às 12:59, abraçada por AV2.

**AM2:** mas quando... quan/ depois quando nasceu eu nem acreditei... não dá para acreditar que sai de dentro da gente não ((risos))--- Ele não:... não larga de mim nem:...quando ouve minha voz ele já sabe que é.. que é eu--- éh::...é mais do que brincar de boneca néh? ((risos))

**TR:** enquanto embala seu bebê, o AP2 inicia seu fio discursivo

**AP2:** já sei trocar de roupa ... trocar a roupinha dele.. só não aprendi dar banho ainda...Mas:: com o tempo::... a gente aprende né::... foi uma::...benção na nossa vida ((hum))... agora como eu falei::... éh::... essa criança... agora nós temos que viver SÓ pra ela agora néh...praticamente dizendo...Éh::... eu vou fazer o possível néh pra que ele não seja o caminho que eu... estava seguindo...((murmuro inaudível))

Cena 2, Diálogo 1 entre AM2 e AV2, sentadas ao sofá da sala:

**AV2:** mas eu falei que não adianta... Bater...brigar...porque::...tá aí óh... néh::... aGora que ela vai sentir:: o que que é responsabilidade--- eu pensei mui::to também porque EU também engravidei cedo... aos dezessete anos... eu era virgem ainda não tinha/ não sabia na::da::... e aí aconteceu... e aí eu pensava assim se EU... for...tomar o anticoncepcional alguém vai ver... uma camisinha alguém vai ver--- mas na-quela época não tinha o papo que se tem hoje não era tão aberto como se é hoje em dia na::/ nos postos tem::...plano/ planejamen::to néh... é oferecido a camisinha...néh::... todos os métodos pra não...não...se engravidar--- e EU sabia que ela tava namorando... tinha todo o conhecimento então não poderia assim deixar o anticoncepcional em casa uma camisinha...que::... eu ia saber que.. ia:: acontecer::...alguma coisa...tá namorando néh::...

**AM2:** [ minha mãe sabia mas::... eu não ficava muito a vontade de::...de::...ter o::... anticoncepcional em casa...néh::...a camisinha..((ss)) aí eu não::...eu::...ficava meia sem jeito

Cena 2, AM3 e AV3

**TR:** O sujeito AM3 aparece em cena acariciando sua barriga, sentada à cama. Sua face e de AV foram preservadas e não aparecem completamente nas cenas

**AM3:** ((cantando)) o pai nosso tu que estás:... com quem amam de ver::dade::É um reino que por ti:: se deu::...sempre te peço em nossos cORAções::...não per-mi-tas:: que caia::mos:: em tem-ta-ção::...óh senhor::... tende pieda::de::... do mun::do::... ten::de:: pieda::de::... do mun::do::...(respiro profundo)---na verdade eu sabia o que eu tava fazendo...que eu não podia... ter feito:: naquele exato dia::..eu sabia::((respiração)) só que não DEU ((risos)) não deu::...(respiração)).

**AV3:** faltou JUÍzo::...neles DOis::... com certeza... foi eles que faltou responsabilidade::...(respiro profundo)) ela sempre foi alertada ao::... ao que pode acontecer quando a::...a:: a::... moça passa a ter uma relação::... ele também foi sempre alertado.. ao:: que pode acontecer::...não foi falta de diálogo

**AM3:** só atração::...viu:: sentiu vontade:: ah::...que::ro quero você também quer:: tá beleza...acabou ali ((respiração)) morre ali::...também SAÍ na rua ninguém se falou::...um com o outro ((risos))...normal também::...FOi isso::...

**AV3:** só que eles não pensaram::... que::...que eles poderiam exi/ tanto praticar...o::...ATO...eles poderiam (inaudível) até gerar uma crian::ça.. eles não pensaram nessa hipótese

#### Cena 3 AM4

**TR:** o sujeito AM4 não também não quis mostrar a face, é cenografada de costas, enquanto troca a fralda de seu filho, e, em outro momento, segura seu bebê no colo, com as costas da cabeça aparente.

**AM4:** pra mim foi um choque::... eu:: não acreditava que eu ia ser mãe---AH:: porque eu tava com dezessete a::nos e eu meu deus eu sou mui::to nova pra ser mã::e::...minha vida como é que vai ser agora... tudo vai mudar... já não vou poder fazer as mesmas coisas que eu fazia antes--- Eu tava infor::mada disso...estudei bastante::...portanto fiz trabalho também::... falando sobre a gravidez na adolescência::...apresentei::...me prevenia::... mas eu fiquei::...acho que foi um mês sem tomar remédio portanto eu achava:: ah:: não::... se fosse de engravidar eu já tinha engravidado já::...mas aí quando eu já abri a boca pra falar i::sso eu já tava grá::vida já::... ((risos))

#### Cena 4 AM5 e AM6

**TR:** Ambas optaram por mostrarem suas faces, com um fundo musical na cena, elas adentram em uma sala com outras meninas, e, enquanto borda algo, a AM inicia seu fio discursivo

**AM5:** meu nome é raiane::... e eu tenho dezesseis anos e to grávida de sete meses

**AM6:** AH:: eu sou cal::ma::... eu sou caseira::... eu sou bem:: tranquila... eu to grávida de três meses::

**TR:** Na cena 5, a AM5 se encontra em um quarto, sentada em uma cama de casal com alguns produtos de bebês, como sapatos e cremes infantis, após outro corte, aparecem

duas pessoas em seu quarto, uma senhora que aparenta ser mais velha sentada na cama, e uma moça de aparência jovem, em pé, na porta.

**AM5:** eu tenho medo de ficar GORda:... depois:...((risos)) até agora:...engordei SEte quilos:...((risos)) e só tem:: DOis do bebê e aonde foi parar esses outros CIN::co...((risos))

**TR:** após sua fala, o sujeito AM5 levanta a blusa e acaricia sua barriga, em um novo corte de cenário, ouvimos a voz do sujeito AM6 enquanto mostra as roupas do enxoval do bebê.

**AM6:** eu sempre quis:: né::...eu sempre quis ter um filho eu sempre cuidei de crian::ça... MAS não esperava que fo::sse o momen::to... mas aconteceu:: agora éh::... tocar pra frente

**TR:** ao final de sua fala, o sujeito AM6 encontra-se com a blusa levantada, com as mãos em sua barriga.

**TR:** Retorno 4

**AM5:** [ também não me arrependo não::...sabe::...é que tem pessoas que se arrepen::dem::... depois::... com tantas maneiras de prevenir::...aí mesmo assim elas se arrepen::dem mas eu não me arrependo não--- ((mostra o ultrassom)) [ aqui::...o/ a cabeça dele::... aqui meu abdôm/ o abdômen dele::... e minha placen::ta...SÓ...((risos))

**AV5:** [ a mesma coisa::... que eu passei ela tá/ ela::...ela se repetiu::...parece que ela::... se inspirou em mim... EU sempre falo isso com ela:: ((risos)) igual ela sabe da minha história de vida que eu conte/ que eu SEM::pre contei pra ela::... que eu:: também fiquei grávida na adolescência eu senti NA PELE:: o que que foi:: isso... eu IA até DAR:: ela pros outros::... eu ia dar ela::... ((respiração))

Cena 5, retorno ao D1:

**AV2:** ela sabe o que que nós passamos::...juntas::...hoje em dia o que vier a acontecer::... não ÉH::...não é nada::... a gente já::...superou BASTan::te coisa::... não éh?

**AV2:** [

**AM2:** [ uhum::...((choro))

**AV2:** [ e a rejeição::... ela foi rejeitada pela avó::... então por isso que eu não podia fazer o mesmo::... porque dó::i::... dói mui::to... é pior do que u::ma::... pancada fisicamente--- É difícil::...((choro)) Eu se::i que pra mim éh::...a continuidade---né amor::?--- continuidade::...da vovó::

**AM2:** pretendo casar::... né::... só que::... tem que esperar ele crescer mais um pouquinho::...pra mim::...começar a/ voltar a voltar:: a trabalhar néh::...pra gente conseguir comprar as nossas coisas

**AP2:** meus planos éh::... que o futuro dessa criança seja o melhor possível::...((murmuros))... uma pessoa correta...néh::... uma pessoa honesta na vida::...

Retorno da Cena 4, AM4 e AV4

**TR:** A avó se encontra em pé, de braços cruzados, ao lado do sujeito adolescente-mãe e seu bebê.

**AV4:** Éh::... eu quero que ela estu/...que ela volta a estudar:: néh::... é isso o que eu QUE::ro e o menino a gente tem que dar jeito pra::...botar ele numa creche...néh::... o futuro dele vai ser Esse...porque eu também não posso parar de trabalhar néh::...a gente é po::bre::... tem que trabalhar---o que eu tenho pra falar é isso.

Cena 1, AM1

**TR:** o sujeito AM1 caminha pela calçada com uma menina

**AM1:** muitas mães novas por aí que deixam os filhos::..jogados... não tem assim/ com a vó::.. ((inaudível))...não trabalham e não éh:: isso que eu quero eu quero cuidar do meu fi::lho... eu quero EU trabalhar eu quero EU ser a mãe de::le... en::tendeu?

Cena 4, AM5

**AM5:** as pessoas falam assim::.. éh:: porque cuidar de filho não é FÁ-cil... que não é só um boné::co que você tem que ir lá dar ba::nho colocar pra mamar e ir dormir:: não é assim::... eu também penso que não é assim:: entendeu? Por enquanto tá pequenininho... come o que a gente come né bebe só leite mas depois que cres::ce... a responsabilidade é maior

Cena 6, AM6

**TR:** o sujeito AM6 encontra-se no quarto, sentada na cama, junto aos objetos infantis ganhados em seu chá de bebê

**AM6:** Ah::... eu penso de trabalhar e dar um futuro melhor néh:: que eu não tive...dar um futuro melhor pro meu filho::... porque minha mãe::...abandonou a gente com o::... eu tinha sete anos...((inaudível)) deixou a gente com meu pai...que ele::... sempre criou a gente sozinho.. aí teve meu irmão que::...((choro)) teve filho cedo também...((choro)) e eu não queria pra ele::... porque eu sabia que ele ia sofrer::...((choro))

**TR:** o sujeito AM6 lê uma carta escrita por si, destinada ao local em que se encontra seu pai

**AM6:** ((choro)) pai::...passei por vários caminhos difíceis... ((choro)) mas com minha família e meus amigos ao meu redor::... sempre vejo a vida correr... e assim aprendendo mais com a vida a cada passo que der::... tentarei fazer melhor ((respiração))---PAI aprendi muito com você:: não tanto quis::... sei que foi muito difícil pra você saber que tem uma filha tão:: nova grá::vida...((suspiro)) mas não queria desapontar desse jeito::...mas te peço seu perdão::... e sei que minha vida não estará pelo avesso assim::...dessa forma que você pensa---sei que terei um final feliz::... terei meu filho::...preciso do seu perdão::... pois devo minha vida a você::...pois até que você nos criou com muita dificuldade e nem por isso você desistiu::... você foi um grande guerreiro...((suspiro)) pois me sinto uma mulher renovada e quero sempre estar do teu lado no passado presente e futuro... pra mim nunca sentir sozi::nha---acabou (a leitura da carta) ((seca o rosto com as mãos))

## 1.2 Documentário 2: Saúde no Rolê: Gravidez na Adolescência, (2008) Plan Internacional Brasil

Cena 1

TR: L é um sujeito mulher de pele negra, também adolescente, usa um turbante amarelo em sua cabeça. Ela descreve a intenção do programa da *Plan Internacional Brasil*, enquanto caminha pelas ruas periféricas do bairro.

L: É importante que a gente veja a via real de perto... Como a vida de uma jovem é alterada... a partir do momento em que ela descobre que vai ser mãe tão cedo. Olá... meu nome é Daniele e eu faço parte do programa adolescente saudável da plan internacional... e sou uma adolescente multiplicadora--- eu vou conversar agora com a Evelyn... que é mãe da safira que engravidou aos quinze anos de idade...vamos lá?

Diálogo nº1: L e AM7

L: Evelyn...o que você sentiu quando você descobriu que estava grávida?

AM7: foi bem... complicado...porque... foi precoce... neh?... eu não...não sabia...demorei um tempo para descobrir---perdi meu chão pra falar a verdade

L: [ antes de engravidar... você conversava com seus familiares professores e amigos... sobre métodos contraceptivos?

AM7: [ com amigos a gente até fica/... mais fácil de conversar né... agora na escola assim a gente escuta:va... só que por cima:... muitas vezes a gente ia até a:... fundo do assunto porém não é a mesma coisa de você ouvir:...de casa...que era uma coisa que eu não tinha...eu não escuta:va... dos meus pais a gente não toca:va...nesse assunto

L: você teve que parar o seus estudos?

AM7: eu concluí... o meu ensino médio néh:... porém:... eu não pude dar continuidade

L: do que você sente mais falta da época que você não tinha uma filha?

AM7: [ olha eu acho que... a irresponsabilidade ((risos)) --- era mais tranquilo eu focava mais nos meus estudos... mais em mim:... pra falar a verdade

L: [ qual é a parte mais difícil em criar uma criança?

AM7: [ pô: o que: que minha filha vai:... vestir? ..o que que:... eu vou dar pra minha filha? Qual: o estudo:... que eu pretendo dar para ela?... eu não quero que ela passe o que eu passei

L: você e o pai... vocês:... trabalham juntos para cuidar da criança?

AM7: é um final: de semana dele:... um final de semana meu:... ele pergunta sobre a criança... ele tenta participar:... de todas as maneiras porém:... os dias são meus

**L** começa a descrever os fatos relacionados as ADMs enquanto caminha novamente pelas ruas, indo encontrar GG

**L:** além:: de ser um risco para a saú::de dessas jo::vens mulheres... a gravidez precoce pode interromper os estudos... limitando a entrada e permanên::cia delas no mercado de trabalho.. por isso é importante ressaltar::... a maternidade não é um cuidado só para as mulheres--- o que nós podemos fazer... para não colocar::mos a responsabilidade e o peso da gravidez sobre as mulheres?--- vou conversar agora com a Viviana Santiago da plan internacional... que trabalha pelo direito de meninas e mulheres

Diálogo n°2 L e PSI

**L:** [ Viviana, por que que falar sobre sexualidade é um tabu?

**GG:** [ existe uma perspectiva de imaginar a sexualidade como uma coisa erra::da... como uma coisa su::ja... quanto menos a gente fala... mais difícil fica sobre falar... e mais tabu a gente gera

**L:** por que... que os adultos tem vergonha de falar... sobre esse assunto com os mais novos?

**GG:** porque elas não conseguem acreditar::... que a sexualidade é uma dimensão presente na vida de todo mun::do... e quando a gente soma ::isso com o fato de que:: essa pessoa tem:: dificuldades relacionadas a sua própria experiência... então vai ficando cada vez ma::is difícil gerar esse espaço... e ter esse tipo de conversa...

**L:** se a gente falar mais:: abertamente sobre esse assunto... evitaria ists (infecções sexualmente transmissíveis) e a gravidez na adolescência?

**GG:** Quanto ma::is a gente conhece... ma::is a gente se cuida... e a gente consegue ter uma postura ma::is responsável... e aquilo depende da gente... a gente conse::gue fazer para não cair em determinadas situações --- pensar:: na gravidez na adolescência como aquilo que acontece... porque não foi planejado.. ajuda a gente a pensar o que a gente precisa para planejar?::... Isso tem a ver com informação... isso tem a ver com conhecimen::to... isso tem:: a ver com o espaço pra gente conversar sobre aquilo que nos afeta--- será que a gente tá gerando espa::ço pra que as pessoas conversem sobre isso... significa a gente tirar:: o tabu

**L:** qual que é o papel principal dos pais... responsáveis dos professores?

**GG:** a família gera um ambiente acolhedor... no qual as meninas os meninos... néh... todas as pessoas possam se sentir a vontade para falar de suas experiências ... a escola apostar... em integração de informações que de fato sejam precisas no seu currículo...e o conjunto da sociedade::... significa naturalizar... a gente perceber que a sexualidade é uma dimensão da vida... mas que os direitos sexuais eles garantem... que as pessoas devem receber informação adequada para decidir se::... quando e com quem

**L:** quando a gente ouve que tem uma adolescente grávida... a tendên::cia é julgar ::ela e achar que ela é a única responsável... como a gente pode ajudar a sociedade a ver que não é bem assim?

**GG:** significa a gente olhar para o papel dos meninos e dos homens e o papel das meninas e das mulheres... mais de uma maneira geral todas as informações que a gente produz... parece que só chegam na vida das mulheres e na vida das meninas sobre como evitar uma gravidez... quando a gente entender que a gravidez também é responsabilidade desse homem que... portanto... desde meninos eles devem receber as informações que o ajudem a prevenir... e a acreditar que é sua responsabilidade... esse cenário vai mudar... e se pensar: a gravidez a menina não vai ser a única responsável por esse processo sabe?...

## ANEXO B: MEMORIAL DESCRITIVO

Nasci em uma família de mulheres que trabalharam fora de seus lares para conquistar o alimento na mesa de seus filhos. Rimoalina, minha ancestral materna, mãe de minha mãe, formou-se no Magistério e atuou como professora no distrito de Selvíria - Véstia (MS), entretanto, juntou-se a seu marido, Lupércio, trabalharam e se aposentaram na Universidade Estadual de São Paulo, a UNESP do campus de Ilha Solteira.

Lupércio, com seu vasto conhecimento rural, cuidou da vinícola do campus da Agronomia, e Rimoalina, mesmo com formação efetiva no Magistério e atuação na educação pública, se aposentou na função de copeira na instituição.

Maria, minha mãe, formou-se também no Magistério, foi secretária em um escritório agrícola na cidade de Selvíria-MS, para, com muito esforço, pagar a mensalidade do curso de Pedagogia na Faculdade FIU - URUBUPUNGÁ, na cidade de Pereira Barreto - SP. Formou-se pedagoga. Entretanto, as adversidades da vida, regidas pelo sistema capitalista que mal paga e mal forma professores, a levaram a desistir da sala de aula e tentar a vida no comércio.

Como descendente destas ancestrais, que não conseguiram alcançar o objetivo de adentrar a sala de aula, me sinto honrada em representá-las na continuidade da missão iniciada por elas. Graduei-me e estou mestranda no Programa de Pós Graduação em Letras, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul- UFMS.

Meu pai, José Ferreira Filho, estimulou meus primeiros contatos com a leitura, passava nas bancas de jornal conosco, pegava suas revistas e jornais, e comprava revistinhas de colorir e quadrinhos para os filhos. No ensino regular (da escola pública), nasceu o amor pela leitura ao descobrir as crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Concluí o Ensino Regular e segui os rumos da educação tecnicista paulista, formação técnica, diplomada em Técnica em Gestão Empresarial (nunca utilizei).

Em 2013, tomei coragem e fiz o Exame Nacional do Ensino Médio, e em 2014, passei em Letras - Português-Inglês. Optei pela licenciatura pela nota que me cabia, pelo amor a leitura, e por ser um dos cursos que havia programa de pós-graduação.

Aqui descrevo a trajetória acadêmica desta mestranda que vos fala. Cursei o Ensino Regular nas escolas públicas da cidade de onde vim, Ilha Solteira, interior do Estado de São Paulo, e, incentivada pelos defensores do ensino tecnicista, me formei Técnica em Gestão Empresarial. Aos 24 anos de idade, decidi migrar da fixidez do

Ensino Técnico para me aventurar no Ensino Público Superior. Ingressei, via ENEM, no curso de Letras da UFMS, situado no campus de Três Lagoas.

Foram cinco anos de muita luta, em um espaço que, embora destinado a todos, na época, não havia muitos subsídios que propiciassem a permanência dos menos abastados, pois as bolsas de auxílio, cuja verba governamental destinada a manter o povo, naquele espaço burguês, permaneceram congeladas, e existia a necessidade de compras de livros, xerox, comida (não havia o RU – Restaurante Universitário), e higiene pessoal. Assim, era significativa a diferença de privilégios de quem tinha maior poder econômico em relação aos outros.

No segundo ano de graduação, me candidatei ao Programa de Iniciação à Docência-PIBID, que proporcionava uma bolsa de dedicatória exclusiva pelo valor (muito considerável) de quatrocentos reais ao candidato, o preparando para enfrentar o sucateamento da educação brasileira.

Ademais, o Programa teve (e tem) grande relevância para mim e para os outros graduandos das Licenciaturas. Fomos orientados pelos coordenadores do programa em um importante trabalho coletivo realizado entre o coordenador residente da Universidade e os coordenadores residentes das escolas públicas atendidas em Três Lagoas: a escola E.E. Dom Aquino Correa, e a E.E. João Magiano Pinto.

Realizamos estudos, orientações, e elaboração de plano de ensino e de aula, por meio da estrutura de Sequência Didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) bem como a discussão da necessidade de desenvolver o letramento crítico e literário nos pibidianos e nos alunos. Estas discussões, realizadas no Laboratório de Línguas – LELET, aconteciam antes e depois de pisarmos os pés na sala de aula (local do professor pesquisador).

As pesquisas realizadas no laboratório (LELET e sala de aula) romperam as barreiras das paredes do quadrado de cimento e se ressignificaram em eventos acadêmicos, que ocorreram por meio de sua elaboração no CPTL, e em participações em outras Universidades, por meio de comunicações orais, banners e seminários. Proporcionando oportunidades (inenarráveis) de interagirem e discutirem o fruto de seus trabalhos e aprendizagens aos graduandos e aos pibidianos.

Em meio à graduação, me foi apresentada a perspectiva teórica da Análise do Discurso, pelos professores Celina, Claudete, Willian Diego, João Paulo e Silvelena, professores pesquisadores voltados para a discussão dos sujeitos marginalizados, aqueles que não ficam no centro da sociedade, sempre à margem, sempre à beira da

exclusão, como as mulheres (e as meninas mães, minhas alunas), os povos originários, o povo negro, o povo lgbtqia+, o povo surdo, cegos e outros, inseridos nas políticas de inclusão que incluem para excluí-los (DERRIDA, 1995).

Em 2019, me graduei e fui aprovada no processo seletivo do Programa de Pós Graduação em Letras, pensando em algo que pudesse pesquisar e refletir sobre as relações de poder e saber (FOCAULT, 2008) que controlam e fabricam a identidade da menina/mulher.

A perspectiva da linha teórica em Discurso, subjetividade e ensino de línguas, na qual questionamos aquilo que está posto como discurso científico cartesiano, na qual o indivíduo não pode ocupar diferentes espaços ao mesmo tempo, o discurso do saber cartesiano apreende um determinado valor de crenças, que não dá conta de abranger a outras ciências e realidades.

A Análise do Discurso questiona aquilo que está posto como verdade unilateral da ciência, pois a Língua(gem) é subjetiva, pois nos utilizamos dos recursos da modalidade e da metáfora para opacizar aquilo que queremos ou não dizer explicitamente na materialidade concreta da enunciação (HAROCHE, 1992) escapando outros sentidos para além daquilo que pretendíamos que o outro interpretasse, pois não controlamos a significação que o outro irá receber, devido a subjetividade que a heterogeneidade de cada indivíduo carrega em si, refletindo em suas interpretações e enunciações.

As disciplinas cursadas no programa, embora com os transtornos do ensino remoto emergencial, como a falta de internet no horário das aulas, o local de estudos improvisados em nossos lares, a readaptação do material de trabalho, bem como as aquisições tecnológicas para tentar trabalhar melhor, mesmo em um cenário de 656.798 óbitos confirmados<sup>39</sup>, seguimos na resistência em busca de uma formação *stricto sensu*.

O processo de ensino e aprendizagem das disciplinas do programa ocorreu de forma remota, e me propiciaram retomar a teoria Linguística em que me graduei e acessar outras perspectivas de discussões. No decorrer do texto, darei ênfase nas disciplinas que foram de grande contribuição para a constituição desta dissertação.

No primeiro semestre do ano de 2020, me matriculei e concluí as disciplinas: Teorias da Linguagem (obrigatória), Tópicos de Teoria e Análise Linguística e Língua, Cultura e Inexclusão.

---

<sup>39</sup> Dados retirados do site: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 18/03/2022.

A disciplina Teorias da Linguagem foi ministrada pelos professores Aparecida Negri Isquierdo, Renato Rodrigues Pereira, Solange de Carvalho Fortilli, Vânia Maria Lescano Guerra. Como previsto na ementa da disciplina, foram discutidos conceitos e princípios básicos e metodológicos da Linguagem, dentro de cada especificidade das linhas de pesquisa da Linguística, do Formalismo à perspectiva da Análise do Discurso. Esta disciplina contribuiu para que o conhecimento linguístico adquirido na graduação fosse refrescado para dar avanço nas discussões teóricas na linha de pesquisa ao qual fui integrada, a Análise do Discurso.

Nas disciplinas Tópicos de Teoria e Análise Linguística e a disciplina de Língua cultura e (in)exclusão, foram ministradas discussões dentro da perspectiva discursivo-desconstrutiva, sob a orientação das professoras doutoras Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento e Claudete Cameschi de Souza. A ementa versava a respeito dos processos constitutivos da referência pelo viés discursivo, o estudo da Linguagem sob a visão da língua e da cultura como processos de constituição identitária, que me deram aporte para constituir a discussão e análise da questão identitária sociocultural do sujeito adolescente-mãe.

No segundo semestre de 2020, fiz Estágio de Docência I, e obtive minha primeira experiência como professora em um curso de graduação. Sob a supervisão da professora dra. Claudete Cameschi de Souza, levantamos as discussões da perspectiva teórica da Linguística Aplicada com os alunos da graduação, e obtivemos uma troca de ensino e aprendizagem única.

Concluí a disciplina Trabalho de Campo, ministrada pelos professores Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, Claudete Cameschi de Souza, Renato Rodrigues Pereira e Solange de Carvalho Fortilli, que me direcionaram a respeito dos procedimentos básicos de pesquisa e estrutura para o trabalho de campo com grupos minoritários, tidos como periféricos, como as adolescentes-mães retratadas pelos documentários analisados nesta pesquisa.

O ensino emergencial remoto me possibilitou a oportunidade de buscar conhecimentos além do Programa, sem sair da cidade. Matriculei-me na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, como aluna especial na disciplina Elementos de Análise do Discurso me permitindo acesso a saberes teóricos dos estudos discursivos pela perspectiva de Volochinov Bakhtin (2003), constituídos pela discussão sobre ética, estética e moral. Tais valores influenciam e modificam, com o tempo, o regimento de uma sociedade.

No primeiro semestre, em 2021, conclui a disciplina de Tópicos Especiais: Seminários em Estudos da Linguagem marcas de subjetividade, abrangendo minha visão sob aquilo que está sob o véu do discurso, conforme as não coincidências da enunciação, que me pautaram nos processos analíticos constituintes de minha pesquisa.

Particpei de eventos de forma remota, assisti e tive acesso a eventos de grande contribuição, destacarei aqui, dentre os que participei, aqueles que puderam contribuir de maneira direta na composição das decisões desta pesquisadora que vos fala. Como o Simpósio Nacional e Internacional Discurso Identidade e Sociedade-SIDIS, realizado pela Associação de Linguística Aplicada no Brasil (ALAB). Fizemos ponência de mesa temática em um evento de alcance internacional, *La Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso (ALED)*, sob o tema relações de empoderamento: corpos que resistem, em que construí uma discussão a respeito da violência que captura o corpo do sujeito adolescente-mãe

No III Encontro Regional de Linguística E Ensino de Língua Portuguesa, promovido pelo Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA) apresentei e publiquei meu projeto de pesquisa, realizando melhorias nas percepções do que havia pré-construído.

Ademais, as participações nos grupos de estudos, compostos pelos orientandos da professora Dra. Claudete Cameschi de Souza, sulearam as discussões e leituras em que sanei dúvidas a respeito de alguns conceitos complexos e construí a discussão e o texto.

Outro grupo de estudos que atravessou esta pesquisa e a pesquisadora foi o grupo de estudos da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, o Arandu, em que realizamos leituras importantes de obras do Foucault, pela ótica da filosofia, integralizando em algumas discussões que busquei problematizar nesta pesquisa.